

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**ANÁLISE DOS SIGNIFICADOS ASSOCIADOS À REFORMA
NA PERSPECTIVA DA TEORIA DO NÍVEL DE ABSTRAÇÃO**

Luísa Jerónimo Fernandes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Susana M. Tavares, Professora Auxiliar,

Departamento de Recursos Humanos e Comportamento Organizacional, ISCTE-IUL

Junho, 2011

Agradecimentos

Cabe expressar o reconhecimento a algumas pessoas que caminharam a meu lado durante este trabalho que apesar de solitário, foi muito partilhado.

Primeiro e mais importante, à minha orientadora, Professora Susana Tavares que revelou sempre uma confiança e respeito ímpares. Cujas orientação e apoio são insubstituíveis e que soube, em cada momento adequar a sua conduta às minhas necessidades. Encontrar a Professora Susana Tavares num momento que se caracterizou particularmente adverso, foi um *match made in heaven*, sem o qual a concretização deste projecto não seria, seguramente, possível.

Ao Professor António Caetano que gentilmente cedeu os dados recolhidos no Inquérito sobre Atitudes face à Reforma, permitindo-me testar as presentes hipóteses.

Ao Professor Doug Hershey que proporcionou uma rica e descomprometida troca de ideias sobre a temática e que amiúde foi validando as minhas intenções.

Aos amigos e colegas de mestrado que com maior ou menor esforço foram tolerando a ansiedade e nervoso miudinho... muito particularmente à Marina Coelho pela disponibilidade nas dúvidas de última hora.

À minha mãe e irmã que acreditam e confiam, desde sempre e para sempre.

Ao Jorge, por tanto... pelo companheirismo, pelo 'policiamento', pela solidariedade e compreensão, mas sobretudo pelo amor que me deu terra para criar raízes e céu para voar.

À memória do meu pai que já não viu este objectivo concretizado mas cuja presença e contributo são inegáveis e para sempre vivos em mim.

ERRATA

Jerónimo Fernandes, Luísa Andreia. Análise dos Significados Associados à Reforma na Perspectiva da Teoria do Nível de Análise. 2011.

Mestrado em Psicologia Social e das Organizações. ISCTE-IUL – Escola de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa

Onde se lê o Resumo (pag. IV), deve ler-se o presente Resumo e onde se lê o Abstract (pág. V), deve ler-se o presente Abstract.

Resumo

Este trabalho pretendeu responder a dois desafios. O desafio conceptual visou a sistematização da literatura sobre a conceptualização da reforma e os significados associados a esta e, de forma a constituir um elemento agregador e organizador da temática, apresentámos uma proposta de tipologia para classificação das abordagens até agora apresentadas.

Esta tipologia dos significados associados à reforma assenta em três vectores, a conceptualização categorial (que remete para os domínios da vida do sujeito), a conceptualização desenvolvimentista (a reforma vista como uma fase do ciclo de vida do sujeito) e a conceptualização valorativa (reforma equacionada em termos de ganhos versus perdas).

O desafio empirico prendeu-se com a análise dos significados associados à reforma à luz da Teoria do Nível de Abstracção (*Construal-Level Theory*, CLT; Trope & Liberman, 2003). Pretendíamos perceber como é que indivíduos de diferentes grupos etários representavam mentalmente a reforma e se havia diferenças nos significados que lhe associavam. Para isso analisámos os dados de um Inquérito sobre Atitudes face à Reforma, realizado por uma equipa do ISCTE-IUL, e que foi aplicado a uma amostra representativa da população adulta portuguesa residente no Continente, de onde foram extraídos 800 indivíduos, aleatoriamente, para a nossa análise.

Os resultados sugerem que, contrariamente ao que esperávamos, não existem diferenças na inclusividade das categorias que os indivíduos dos diferentes grupos etários usam para representar mentalmente os significados associados à reforma. Apesar disso, o nosso estudo revelou que pessoas psicologicamente mais distantes da reforma têm uma representação da reforma mais positiva mas mais abstracta do que pessoas para quem a reforma é um acontecimento mais próximo. De facto, o grupo jovem reporta um nível significativamente mais elevado de ganhos associados à reforma, revela-se mais optimista face a esta, apresenta menores expectativas de problemas e visualiza com menos frequência este período futuro das suas vidas do que o grupo menos jovem. O estudo confirmou ser um importante contributo para a compreensão dos significados de reforma com potencial de aplicação ao estudo do planeamento e comportamentos de poupança para a reforma, satisfação ou bem-estar.

Palavras-chave: reforma, optimismo, visualização, , distância psicológica, representação, Teoria do Nível de Abstracção (*Construal Level Theory*)

Abstract

The present study had two goals, a conceptual and an empirical one. The conceptual goal pretended to be a systematization of the literature about retirement conceptualization and the associated meanings and, to form an aggregator and organizing element of the issue we presented a proposal of a typology able to classify the approaches presented till now.

This retirement associated meanings typology is translated into three categories: a categorical conceptualization (concerning the life domains of the participant), a development conceptualization (in which retirement is seen as phase of the individual lifecycle) and a valuative conceptualization (gains versus losses).

The empirical goal intended to analyze the retirement associated meanings on the Construal Level Theory perspective (*Construal-Level Theory*, CLT; Trope & Liberman, 2003). We were seeking to understand how different age groups mentally represented retirement and if there were differences on the meanings they associated do it. In order to do it, we analyzed data of an Inquiry about Attitudes toward Retirement, conducted by an ISCTE-IUL team, and that was applied to a representative sample of the adult Portuguese population, from which 800 individuals were randomly selected for our analysis.

The results suggest that, contrary to what we expected, there were no differences on the superordinated nature of the categories, individuals of different age groups use to mentally represent the meanings associated to retirement. Despite that, the study revealed that people psychologically more distant to retirement hold a more positive but more abstract representation of retirement than people who see retirement as a more proximal event. In fact, the younger group reported a significantly higher level of gains associated to retirement; is more optimistic towards this period, presents less problem expectation and visualizes less frequently this period of their lives that the less younger group does.

The study constitutes an important contribution to the retirement meanings comprehension, holding a great empirical potential to the study of retirement planning, retirement savings behavior, retirement satisfaction and subjective well-being.

Key-words: retirement, meaning, Construal Level Theory, CLT, optimism, visualization, retirement problems expectation, representation, psychological distance

Resumo

Este trabalho pretende abordar os significados de reforma na perspectiva da Teoria do Nível de Abstracção, com o objectivo de gerar uma tipologia dos significados de reforma e esclarecer a relação entre distância psicológica à reforma e construção dos significados de reforma, optimismo face à reforma, expectativa de problemas na reforma e visualização de reforma. Os dados usados foram retirados de um inquérito sobre Atitudes face à reforma aplicado a uma amostra representativa da população adulta portuguesa residente no Continente, de onde foram extraídos 800 indivíduos, aleatoriamente.

O estudo permitiu a construção de uma tipologia dos significados de reforma assente em três vectores, a conceptualização categorial (que remete para os domínios da vida do sujeito), a conceptualização desenvolvimentista (a reforma é uma fase do ciclo de vida do sujeito) e a conceptualização avaliativa (ganhos versus perdas). As análises factoriais encontraram dois factores, independentemente da idade (distância temporal), um associado aos ganhos da reforma, outro às perdas. As análises correlacionais e de variância, e de acordo com a CLT, observaram que os participantes mais distantes psicologicamente da reforma detêm categorias mais inclusivas e nucleares da reforma; representações mais optimistas e positivas da reforma, não se conseguindo demonstrar o contrário; menor expectativa de problemas na reforma e menor visualização da reforma. O estudo confirmou ser um importante contributo para a compreensão dos significados de reforma com potencial de aplicação ao estudo do planeamento e comportamentos de poupança para a reforma, satisfação ou bem-estar.

Palavras-chave: reforma, significado, *Construal Level Theory*, CLT, optimismo, visualização, expectativa de problemas, distância psicológica, representação, Teoria do Nível de Abstracção

Abstract

The present study aims to approach the meanings of retirement on the Construal Level Theory perspective. Using data from 800 participants of a random representative Portuguese sample used on a more extensive inquiry about Attitudes toward retirement, two specific goals were set, to generate an organizing typology of the meanings of retirement according to existing literature and to understand the relationship between psychological distance to retirement and the construction of retirement meanings, optimism toward retirement, retirement problems expectation and retirement visualization.

A tripartite typology of retirement meanings was created, translated into three categories: a categorical conceptualization (concerning the life domains of the participant), a development conceptualization (in which retirement is seen as phase of the individual lifecycle) and a valorative conceptualization (gains versus losses). The factor analysis found two factors, independent of age (temporal distance), one associated with perceived retirement gains and the other with perceived retirement losses. The correlation and variance analysis, and according to CLT, demonstrated that the most psychological distant participants hold more nuclear and inclusive categories of retirement meanings; are more optimistic towards retirement; have less retirement problems expectation and present less retirement visualization.

The study constitutes an important contribution to the retirement meanings comprehension, holding a great empirical potential to the study of retirement planning, retirement savings behavior, retirement satisfaction and subjective well-being.

Key-words: retirement, meaning, Construal Level Theory, CLT, optimism, visualization, retirement problems expectation, representation, psychological distance

Índice

Introdução.....	1
Significados da reforma – uma realidade em construção.....	3
Olhar para os significados da reforma na perspectiva da Teoria do Nível de Abstracção: longe da vista, longe do coração.....	14
Método.....	24
Participantes.....	24
Operacionalização das variáveis.....	26
Análise dos Resultados.....	28
Discussão dos Resultados.....	33
Conclusões.....	37
Referências.....	39
ANEXOS.....	44
ANEXO 1 – Tabela Tipologia Conceptualização Categorial.....	44
ANEXO 2 – Tabela Tipologia Conceptualização Desenvolvimentista....	45
ANEXO 3 – Tabela Tipologia Conceptualização Avaliativa.....	47
ANEXO 4 – Caracterização do Grupo total.....	49

Lista de Tabelas

Tabela 1: Classificação dos estudos sobre significados da reforma por Categoria.....	7
Tabela 2: Quadro síntese Conceptualização Categorial	8
Tabela 3: Quadro síntese Conceptualização Desenvolvimentista	11
Tabela 4: Quadro síntese Conceptualização Valorativa	13
Tabela 5: Caracterização do grupo 25-39	24
Tabela 6: Caracterização do grupo 50-60	25
Tabela 7 – Quadro síntese Estatísticas Descritivas Significados associados à Reforma	28
Tabela 8: Comparação da saturação dos itens por factor	29

Introdução

- Every one desires to live long, but no one would want to become old -

Abraham Lincoln

O estudo da reforma é, nos dias de hoje, de grande importância e à dificuldade sentida na definição do conceito de reforma juntam-se tantos outros factores como o advento da potencial falência do sistema de segurança social; a exigência sobre os cuidados de saúde; a maior necessidade de uma força de trabalho especializada e treinada nos cuidados gerontológicos; a necessidade crescente de incremento nos cuidados continuados, em particular no que respeita à demência; a relativa disseminação do idadismo (Bytheway, 2005; Cuddy *et al.*, 2005; Hagestad&Uhlenberg, 2005; Kite *et al.*, 2005; Minichiello *et al.*, 2000; Montepare&Lachman, 1989; Weiss&Lang, 2009), negando aos idosos direitos e oportunidades disponíveis a outros grupos etários ou a necessidade de maior proactividade por parte dos indivíduos no planeamento da sua reforma (Adams *et al.*, 2011; Rieskamp, 2006; Stawski *et al.*, 2007; Topa *et al.*, 2009; Webley&Nyhus, 2001), tornando previsível que a transição para a vida de reformado careça de uma crescente preocupação e que esta temática necessite de mais e melhor investigação. De onde aliás ressalta a recente definição do envelhecimento activo como um dos eixos prioritários de intervenção e financiamento no 7º Programa quadro, programa comunitário de cooperação científica, deixando antever que este é um tema de preocupação para as políticas públicas e comunitárias.

A geração do Baby boom (os indivíduos que nasceram entre 1946 e 1964) está a atingir a idade de reforma, contribuindo para o grande aumento da percentagem de reformados em comparação com a força de trabalho, e que se espera, vá exercer grande pressão sobre o sistema de segurança social tal como o conhecemos hoje. De acordo com estatísticas de 2005 da OCDE, espera-se que em 2020 mais do que um quarto da população mundial terá mais de 60 anos e em 2050 estima-se que esta proporção irá aumentar para um terço, ou seja a população com mais de 60 anos atingirá os dois biliões. O padrão de envelhecimento populacional confirma-se também ou particularmente na Europa, onde se estima que em 2060 o número de pessoas acima dos 65 anos aumente para 151,5 milhões, contrastando com os 84,6 milhões observados em 2008 (Giannakouris, 2008, cit por Silva, 2009). Conforme fonte do INE (2008, cit por Silva, 2009), o mesmo se verifica em Portugal, dado que a proporção entre população idosa e população jovem se inverteu completamente. Em Portugal a situação prevê agravar-se, com o país a ocupar o 4º lugar enquanto país mais envelhecido da Europa

(Paúl e Fonseca, 2005, cit por Silva), sendo que a média da idade de reforma em Portugal é actualmente de 62,2 anos. Neste momento, e segundo dados da OCDE, Portugal possui apenas 3,6 pessoas em idade activa por cada pessoa em idade de reforma ou em situação de inactividade, uma média abaixo da própria média da OCDE que se situa nos 4,2, colocando seriamente em risco o índice de sustentabilidade potencial (número de indivíduos em idade activa por cada idoso).

Em quase todos os países, a população acima dos 60 anos de idade está a crescer mais rapidamente do que qualquer outro grupo etário, resultado da actual esperança média de vida (actualmente situada nos 68 anos de idade, na população global e de acordo com os dados da OMS) e do decréscimo das taxas de natalidade.

É neste enquadramento socio-económico que a reforma se apresenta como um fenómeno complexo e nos dias de hoje, ainda relativamente volátil. Na verdade, o primeiro desafio colocado pelo presente estudo esteve desde logo relacionado com a dificuldade em definir o seu objecto, a representação de reforma. Se nos socorrermos da nossa rotina, facilmente compreendemos que mesmo em Portugal, parece existir uma utilização confusa da palavra reforma, sendo esta usada para referir o valor ou remuneração que um indivíduo começa a auferir aquando a sua saída do contexto laboral e/ou usada de forma bem mais abrangente, para referir todo o período que se segue à retirada do indivíduo do contexto laboral.

Comumente, a reforma é descrita como uma condição que reúne exclusivamente três acontecimentos, atingir uma determinada idade (realidade que conta apenas com algumas décadas de existência e não está implementada globalmente, tendo maior incidência nos países ocidentais) (Bowlby, 2007), o momento em que um indivíduo cessa o desempenho na sua actividade profissional principal (retirada do contexto laboral) (Anderson, 1986; Talaga & Beehr, 1989) e o momento em que começa a receber o seu rendimento em forma de pensão, de fonte pública ou privada.

Geralmente, a reforma é enquadrada em função da manutenção ou abandono do mercado de trabalho ou, por coerência, em função da manutenção ou abandono do lugar na estrutura social e dos seus respectivos papéis sociais. Existe na concepção de reforma, um factor social e co-construído que dá origem a uma representação social desta fase da vida e que provém ao indivíduo uma lente, que tanto foca a sua natureza de manutenção, de ruptura, de perda ou de oportunidade.

Mas se é certo que o construto de Moscovici (Teoria das Representações Sociais, 1961 cit. por Roland-Lévy *et al.* 2010) nos auxilia a compreender o que pode ser

comum e socialmente construído na forma como se olha para a reforma, existem autores que relevam antes o carácter de unicidade. Bowlby (2007) remete-nos para a liberdade do conceito, defendendo que no limite, poderão existir tantas definições de reforma quantos reformados existem, onde cada reformado constitui uma realidade complexa e independente.

Este trabalho tem como objectivo constituir um elemento agregador e organizador da literatura sobre o tema da reforma, nomeadamente sobre a sua definição e representação mental. Para isso, analisaremos os significados associados à reforma bem como à forma como indivíduos de diferentes grupos etários a representam mentalmente, no pressuposto de que estes grupos etários, com distintas distâncias temporais relativas à reforma terão também diferentes distâncias psicológicas relativamente a este acontecimento, ou período das suas vidas. Inicialmente será feito um enquadramento teórico do fenómeno da reforma e dos significados a ela associados. Apresentaremos uma revisão de literatura e apresentaremos uma proposta de tipologia de classificação das abordagens até agora apresentadas. De seguida, analisaremos a representação da reforma e dos significados a ela associados à luz da Teoria do Nível de Abstracção (*Construal-Level Theory*, CLT; Trope & Liberman, 2003¹). Por último, apresentaremos a metodologia empírica adoptada, a análise dos dados e a discussão dos resultados.

Significados da reforma – uma realidade em construção

*- When a man retires and time is no longer a matter of urgent
importance, his colleagues generally present him with a watch -
R.C. Sherriff*

Neste capítulo tentaremos responder à pluralidade de significações da reforma, desde logo esclarecendo que a idade cronológica não é nem o único factor relevante, nem o mais importante na definição de reforma. Ou seja, mais do que a retirada da vida activa, a reforma impõe a necessidade de uma representação mental que seja orientadora para o indivíduo. Isto significa que a reforma é um período da vida dos indivíduos que exige adaptações e estas não surgem espontaneamente ou simplesmente porque chegou a idade de se reformar, exigem que exista um *script*, um guião do que essa fase vai ser. Não basta que essa mudança seja percebida em termos do ciclo de vida, é necessário que a mudança seja um processo interno e psicológico (Silva, 2009).

¹ No sentido da simplificação e no contexto do presente trabalho irei adoptar a sigla TNA para me referir à Teoria do Nível de Abstracção

Com frequência a reforma é conceptualizada de forma mais dicotomizada, representando um comportamento estável ou transicional; a perda de utilidade social ou antes a procura de outras actividades; gerando empobrecimento ou a oportunidade para manter um estilo de vida confortável; constituindo um instrumento de políticas sociais e organizacionais; um processo voluntário ou involuntário; podendo ocorrer de forma antecipada ou *on-time*; de forma parcial ou total ou resultando de problemas de saúde (Beehr, 1986; Talaga & Beehr, 1989; Roland-Lévy & Berjot, 2009).

A reforma também pode ser conceptualizada no âmbito de corpos teóricos bem definidos. Até à década de 60, as investigações realizadas no âmbito do ajustamento à reforma, descreviam-na como um acontecimento desafiador do bem-estar do indivíduo ou mesmo como um acontecimento stressante (Beehr, 1989), podendo ser experimentada como uma crise do ciclo de vida (Van Solinge & Henkens, 2008; Van Solinge & Henkens, 2008, cit. por Wang *et al.*, 2011) que requer ajustamentos drásticos (Robinson *et al.*, 1985 cit. por Beehr, 1989). À medida que a reforma se foi constituindo como um potencial e necessário objecto de estudo, os dados foram revelando que este era um fenómeno de alguma heterogeneidade, tendo surgido múltiplas interpretações. Destacaremos quatro: a perspectiva da continuidade, a perspectiva da transição, a perspectiva da perda e a perspectiva dos ganhos.

A perspectiva da continuidade tenta contrariar a frequente ênfase atribuída ao carácter disruptivo da reforma relevando a possibilidade desta permitir a manutenção das relações sociais e do padrão de vida (Teoria da Continuidade – defende que a reforma, com excepção de uma ligeira e gradual redução de actividade, se constitui como um período de manutenção comportamental por parte dos indivíduos, no qual não experimentam grande diferença para o período da pré-reforma; Atchley, 1999 cit. por Wang, 2011; Beehr, 1986; Beehr, 1989, antes um equilíbrio entre o que viveram antes da reforma e as adaptações que esta os obriga a colocar em marcha).

O entendimento da reforma como uma transição de papel tem na sua base a Teoria do Papel (assumindo a perspectiva do Interaccionismo Simbólico), que ganhou visibilidade com Mead e Goffman (Riley, 1994 cit. por Wang, 2011). Esta teoria concebe a identidade numa perspectiva situacional, onde a noção ou construção do Eu resulta do conhecimento das normas e valores associados às posições ocupadas num determinado contexto; o Eu emerge apenas da interacção entre o indivíduo e a internalização das atitudes dos outros (Vala & Monteiro, 2000). Desta forma, é comum conceptualizar a reforma enquanto pertença (e/ou não pertença) a determinado grupo

social, donde a pertença se constroi por via da adopção dos papéis coerentes. Neste contexto, a reforma pode obrigar a uma mudança na identidade social (no sentido da Teoria da Identidade Social desenvolvida por Tajfel em 1972) do indivíduo que transita do seu papel de trabalhador, para o papel de avô a tempo inteiro. Entendida desta forma, a reforma enquanto transição de papel focaliza-se na substituição gradual dos papéis assumidos pelo indivíduo em contexto laboral, pelo fortalecimento dos seus papéis na esfera familiar ou nas dimensões sociais ou comunitárias da sua vida.

Frequentemente, a reforma é descrita em função da perda (Teoria da Desvinculação – propõe que a reforma provoca um decréscimo de envolvimento social, podendo representar uma retirada da sociedade; Atchley, 1975, 1976 cit. por Beehr, 1989; Beehr, 1986) ou enfraquecimento de um determinado papel, naturalmente relacionado com o contexto laboral (papel de trabalhador, de membro de uma organização, papel de carreira).

Finalmente, a reforma pode constituir uma oportunidade, uma fase da vida dos indivíduos normalmente associada à liberdade de horários, ao descompromisso e à posse de muito tempo livre que pode ser usado espontaneamente. Esta concepção de reforma dá corpo a uma visão partilhada dos ganhos adquiridos com o abandono do contexto laboral, commumente mobilizada porque traduz uma construção colectiva da reforma, nasce da interacção social e dá origem à produção social de conhecimento.

Para além desta multiplicidade de interpretações, parece estar a surgir um discurso que preconiza um modelo de maior continuidade, no sentido do envelhecimento activo e que contraria a tendência para dicotomizar a definição de reforma atendendo aos eixos trabalho – não-trabalho, manutenção das relações laborais – perda das relações laborais ou empobrecimento – manutenção da condição financeira (Ramos & Lacomblez, 2008). A perspectiva do envelhecimento activo realça a capacidade do indivíduo na procura do equilíbrio entre o que cessa e o que começa, conforme é preconizada pela perspectiva da continuidade.

Desde a década de 80, caracterizada por vincular uma ideia de reforma presa ao estereótipo da inactividade, improdutividade e envelhecimento (Talaga & Beehr, 1989; Taylor&Shore, 1995), que alguma investigação sobre o tema se tem desenvolvido e esta carece de uma organização e sistematização a que me proponho proceder no presente trabalho.

Antes de apresentar a tipologia, importa explicar que no sentido de alcançar uma maior abrangência e complexidade sobre o fenómeno, a pesquisa que efectuámos não se

restringiu aos trabalhos que na literatura versavam sobre a “representação da reforma”, mas incidiu também sobre aqueles que referiam as “expectativas face à reforma” e as “atitudes face à reforma”.

A *representação*, também designada de esquema ou imagem mental é a evocação simbólica de uma realidade ausente, exprimindo a relação entre o indivíduo e o objecto e implicando invariavelmente uma actividade de construção e simbolização (Anderson, 2005; Vala & Monteiro, 2000). A *expectativa*, por outro lado, sugere uma atitude de antecipação e projecção do futuro que goza de um certo grau de esperança na concretização e tem ligação directa aos projectos e objectivos pessoais e profissionais do indivíduo. Embora assuma um carácter mais “personalizado” do que a representação, não deixa de balizar a crença acerca do que significa a reforma para o indivíduo, remetendo para o que o indivíduo antevê como provável ocorrência em função do seu comportamento actual (Ferreira *et al.*, 2001). Finalmente, a *atitude* face à reforma é uma conceptualização tripartida de um acontecimento/fase de vida sendo constituída por uma componente cognitiva, uma componente afectiva e uma componente comportamental. De forma sumária, as atitudes face à reforma são disposições favoráveis ou desfavoráveis relativamente a este acontecimento ou período da vida da pessoa, ou relativamente a alguns dos seus respectivos atributos (Ajzen, 1988 cit por Vala & Monteiro, 2000). Porque alguns dos estudos (Jonsson & Anderson, 1999; MacBean, 2007), trabalhando com indivíduos ainda não reformados, chegaram a conclusões interessantes e relevantes acerca da percepção que estes teriam sobre a reforma, considerei pertinente incluir a atitude, apesar da sua qualidade valorativa. No presente estudo, irei adoptar a designação de *significados associadas à reforma* no sentido de integrar todas as abordagens aqui explicitadas, tanto do ponto de vista das representações, como das expectativas, como das atitudes. Tendo esclarecido as questões procedimentais, irei de seguida apresentar a tipologia e explorar mais exhaustivamente cada abordagem.

Neste sentido, propomo-nos apresentar um esquema da revisão de literatura feita sobre esta temática, obedecendo a 3 vectores que se afiguram estruturantes neste esforço de classificação. A representação de reforma pode obedecer a uma conceptualização *categorial*, pode traduzir uma conceptualização *desenvolvimentista* do fenómeno ou ainda uma conceptualização *valorativa* sobre o fenómeno.

A conceptualização *categorial* (representação cognitiva da reforma tendo em conta os vários domínios da vida do indivíduo), socorre-se dos domínios do bem-estar

subjectivo tal como foram estudados por Diener, ou seja referem-se à reforma descrita em termos dos grandes domínios da vida do indivíduo como o trabalho, família, lazer, saúde e situação financeira (Albuquerque *et al.*, 2004; Bonsang *et al.*, 2011; Diener, 1984). A conceptualização *desenvolvimentista* é aquela que reúne maior número de modelos psicológicos relevantes, como os modelos preconizados por Freud, Piaget, Erikson, entre outros e que conceptualiza o ciclo de vida como uma sucessão de fases, cada uma consistindo num particular desafio para o indivíduo e implicando uma ordem de mudanças, quer estas ocorram ao nível emocional, perceptivo, atitudinal ou outro. Esta conceptualização descreve a reforma enquanto período de continuidade e manutenção ou pelo contrário, enquanto um período de ruptura e recomeço(s), onde a ruptura pode ter um enfoque mais negativo (pela perda) ou um enfoque mais positivo (pelo ganho). A conceptualização *valorativa* pode estar organizada numa perspectiva afectiva (valência positiva vs negativa) ou numa perspectiva instrumental (ganhos e perdas).

A tipologia construída emerge dos estudos presentes na literatura, daí que os tenhamos classificado de acordo com a mesma. Os estudos foram dispostos por ordem cronológica de forma a facilitar a sua leitura, sendo que informação mais detalhada sobre cada um deles pode ser consultada nos ANEXOS 1, 2 e 3.

Tabela 1: Classificação dos estudos sobre significados da reforma por categoria

Autor	Conceptualização categorial²	Conceptualização desenvolvimentista³	Conceptualização valorativa⁴
Crawford (1971)			X
Taylor-Carter, Cook & Weinberg (1997)	X		
Jonsson & Anderson (1999)		X	
Graeff (2002)			X
Haas (2002)			X
Kloep & Hendry (2006)			X
Hunter, Wang & Worsley (2007)	X		
MacBean (2007)			X
Roland-Lévy & Berjot (2009)			X
Hershey & Jacobs-Lawson (2009)	X		

² Consultar ANEXO 1, Tabela Tipologia Conceptualização Categorial

³ Consultar ANEXO 2, Tabela Tipologia Conceptualização Desenvolvimentista

⁴ Consultar ANEXO 3, Tabela Tipologia Conceptualização Valorativa

Gee & Baillie (2010)		X
Selig & Valore (2010)	X	X

Nos estudos que utilizam predominantemente uma conceptualização categorial (Hunter *et al.*, 2007; Hershey & Jacobs-Lawson, 2009; Taylor-Carter *et al.*, 1997), observa-se alguma constância em três domínios, relacionados com: a *saúde e bem-estar subjectivo*; o *lazer*; e a *situação financeira ou bem-estar económico*. A *saúde e bem-estar subjectivo* surgem no âmbito da expectativa em despende mais tempo na compra e confecção de melhores alimentos, na prática de exercício físico ou na manutenção da melhor forma física, ou à sensação generalizada de felicidade e satisfação com a vida. O domínio do *lazer* decorre desde logo da maior disponibilidade de tempo e deste tempo poder ser vivido em maior liberdade, de horários, responsabilidades e hierarquias. O *lazer* também se encontra muito associado ao envolvimento em velhos ou novos hobbies e inevitavelmente à maior disponibilidade para actividades sociais, religiosas ou espirituais, tempo em família e tempo para praticar voluntariado, tempo para viajar e estar com amigos, sendo de relevar que o domínio do *lazer* surge muito interligado ao domínio relacional e familiar. Muitas vezes, o domínio do *lazer* reveste-se de um sabor agri-doce, ou seja a expectativa de dispôr de mais tempo para se dedicar a outras actividades surge como consequência da retirada da sua rede social e da perda do papel profissional e consequente sensação de ‘despropósito’. Finalmente, o domínio da *situação financeira ou bem-estar económico* remete para a expectativa de manter a sua autonomia e independência financeira, mas também para o receio de ver a sua qualidade de vida comprometida.

Tabela 2: Quadro síntese Conceptualização Categorial

Categorias usadas	Artigos			
	Taylor-Carter, Cook & Weinberg (1997)	Hunter, Wang & Worsley (2007)	Hershey & Jacobs-Lawson (2009)	Selig & Valore (2010)
<u>Saúde e bem estar</u>				
<u>subjectivo</u>				
• Cuidados com a alimentação		X		
• Exercício físico		X	X	

• Estatuto de sabedoria			X	
• Descontração e tranquilidade			X	
• Felicidade			X	
<u>Lazer</u>				
• Hobbies	X	X	X	
• Voluntariado			X	
• Actividades religiosas			X	
• Socializar e estar com amigos	X	X	X	
• Viajar			X	
<u>Situação financeira/bem-estar económico</u>	X		X	X
<u>Família</u>				
• Passar mais tempo com a família			X	
<u>Trabalho</u>				
• Estar a trabalhar				X
• Ausência de horários	X	X		
• Ausência da relação de chefia	X	X		
• Relações laborais	X			X

As investigações enquadradas pela *conceptualização desenvolvimentista* representam a reforma ao longo de um eixo que oscila entre a continuidade ou a ruptura e que perfila quatro tipos de representações. As investigações que mais fielmente seguem esta perspectiva (Gee & Baillie, 2010 e Jonsson & Anderson, 1999), concluíram que a reforma pode ser representada como: (a) um período de transição para a velhice, marcada pelo descanso mas também pelo desaceleramento; (b) como um recomeço, uma nova fase da vida, um tempo de liberdade, de concretização de velhos objectivos e esta é a expectativa de reforma mais recorrente, independentemente do sexo ou qualquer outra variável de controlo (Gee & Baillie, 2010); (c) como uma continuação, marcada pela manutenção dos anteriores papéis e relações laborais; ou (d) como uma disrupção

imposta, uma retirada da actividade profissional que é sentida como insubstituível e dando origem a uma sensação de frustração e ausência de propósito. Advém daqui que a reforma pode ser experienciada como um período relativamente *neutro* (de continuidade ou transição), ou como um período de *ruptura* - positiva, quando esta remete para todas as possibilidades e oportunidades que se abrem ao indivíduo, ou negativa sempre que o indivíduo se sente retirado da sua rede social, destituído da sua identidade, inibido de manter as suas relações laborais e constrangido na sua situação financeira.

A percepção de reforma enquanto ruptura ou disrupção remete para o que Rapoport (1963, cit. Crawford, 1971) já havia salientado no normal desenvolvimento de um ciclo de vida familiar, a existência de alturas críticas de transição para os indivíduos que não são facilitadas nem mitigadas por uma socialização antecipatória, rituais de passagem reconfortantes ou guias claros de conduta. A reforma é, inevitavelmente, uma destas alturas críticas. Neste sentido, o estudo de Crawford demonstra que a reforma é uma crise na qual o equilíbrio existente é perturbado, porque obriga a que o indivíduo se veja perante uma situação que altera profundamente a sua normal rotina; precipita um período que dá expressão a um padrão de inconsistência comportamental mais longa do que é usual, deixando o indivíduo como que ‘desorientado’ (Fletcher&Hansson, 1991).

No estudo de Selig & Valore (2010), a representação da reforma é duplamente dicotomizada, surgindo dois perfis distintos como resultado do cruzamento dos eixos continuidade vs ruptura e trabalho vs não-trabalho. Neste caso, a reforma é representada exclusivamente do ponto de vista do domínio do trabalho, traduzindo a possibilidade de manter uma actividade profissional, as relações laborais, a sua identidade e a situação financeira num nível confortável ou a perda da actividade profissional, das relações laborais, da identidade profissional e da sustentabilidade financeira. O facto da reforma poder representar uma possibilidade de manutenção da actividade profissional poderia causar alguma estranheza, particularmente se nos reportássemos aos primeiros estudos sobre este fenómeno. No entanto o estudo de Selig & Valore (2010) além de confirmar a tendência do envelhecimento activo, confirma o que outros autores já haviam observado (Jonsson & Andersson, 1999): a intenção de alguns indivíduos continuarem a trabalhar depois da reforma no sentido de melhor precaverem as dificuldades financeiras que frequentemente se associam a este período e também precaverem o isolamento social.

Do ponto de vista dos resultados encontrados nalguns destes estudos, a conceptualização desenvolvimentista não é tão literalmente aplicável ao sexo feminino, que por força de receberem pensões tendencialmente mais baixas do que os homens,

vivenciarem interrupções por maternidade e auferirem rendimentos tendencialmente inferiores, revelam maiores dificuldades de adaptação e ajustamento à reforma do ponto de vista financeiro (Gee & Baillie, 2010; Szinovacz, 1991 cit. por Silva, 2009) ou por força da sua condição feminina estarem mais focadas para o envolvimento familiar e respectivos papéis de mãe e avó, o que lhes garante, aqui sim, alguma sensação de continuidade, nomeadamente através do papel (Gee & Baillie, 2010).

Tabela 3: Quadro síntese Conceptualização Desenvolvimentista

Categorias usadas	Artigos		
	Jonsson & Anderson (1999)	Selig & Valore (2010)	Gee & Baillie (2010)
<u>Continuidade</u>			
• Continuação	X	X	X
• Transição	X		X
<u>Ruptura</u>			
• Recomeço	X		X
• Disrupção	X	X	X

Ao contrário do que sucede na conceptualização desenvolvimentista (a representação de reforma representa um balanço entre ganhos e perdas; isto é, raramente é perspectivada tendo em conta apenas os ganhos ou apenas as perdas), na *conceptualização valorativa*, a reforma é representada de forma polarizada, ou seja tem uma valência quase exclusivamente positiva ou quase exclusivamente negativa. De uma maneira geral, quando a representação de reforma assume uma valência positiva está focada nas oportunidades que esta fase da vida oferece ou potencialmente oferece aos indivíduos. Geralmente, os participantes relevam a possibilidade de investir em novas actividades ou hobbies; em projectos de voluntariado; na continuação da actividade profissional numa área distinta à que dedicou toda a sua vida (Hershey *et al.*, 2001; Jonsson *et al.*, 2000); no estreitamento de relações familiares ou da relação conjugal; no envolvimento noutras relações de carácter social; na dedicação de mais tempo ao lazer, quer este represente o descanso ou o investimento em viagens; no possível regresso à escola e a sensação generalizada de liberdade.

Por outro lado, quando a representação de reforma assume uma valência negativa está normalmente saturada de maior receio e contrariedade. Geralmente, os participantes relatam o receio relativo aos problemas de saúde e à muito relacionada mas não exclusivamente, entrada na velhice e que é vivida de forma muito estigmatizante a maior parte das vezes; à perda do estilo de vida e fragilidade financeira; à retirada da vida activa, produtiva e profissional; ao sedentarismo; ao isolamento; ao aborrecimento; à perda ou reestruturação da rotina diária; à morte, que se percebe como mais próxima; e a uma enfatização da desvinculação ao contexto laboral. Ainda sobre a ideia de reforma como a chegada à velhice, cabe acrescentar que este estigma está intrinsecamente relacionado com a inactividade e a evidência de que o seu vencimento não deriva de um esforço e participação individual no mercado de trabalho. Decorre da análise ao seu discurso, que alguns participantes olham para a reforma como uma fase do ciclo de vida caracterizada pela inevitabilidade de constituir um fardo para os outros ou inevitabilidade de assumir a responsabilidade da prestação dos cuidados aos companheiros (Haas, 2002) e falam em desvinculação no sentido em que o indivíduo deixa de ser económica e fisicamente independente e autónomo.

O estudo de Crawford (1971), de natureza qualitativa, exploratória e longitudinal, insere-se na conceptualização valorativa e coloca grande ênfase no conteúdo das representações ou expectativas associadas à reforma, dando corpo ao que a autora designou de “padrões de antecipação”. A autora observou 3 padrões, dois claramente positivos e outro essencialmente negativo. O primeiro, que apelidei de desvinculação positiva ou (re)vinculação, descreve a reforma como uma oportunidade para ter um maior envolvimento nas relações e actividades intra-famíliares, para descansar e se dedicar a hobbies e outras actividades; o segundo padrão, apelidado de re-alinhamento e que descreve a reforma como uma recompensa – prazer e relaxamento - e uma oportunidade de expansão das actividades do indivíduo enquanto um re-alinhamento noutras direcções. Finalmente o terceiro padrão, apelidado de desvinculação negativa, descreve a reforma na perspectiva das perdas que lhe estão associadas, principalmente as associadas à retirada do contexto laboral. A percepção dominante é a de uma imposição contra a qual o indivíduo pouco pode e que o circunscreve num vácuo social, com nada a atingir.

Roland-Levy & Berjot (2009), num estudo sobre as representações sociais de reforma e usando a idade como variável preditora, observou que de uma maneira geral, o grupo dos adultos e dos reformados descrevem a reforma como uma representação

maioritariamente positiva, colocando relevo no descanso, lazer e maior disponibilidade relacional e de tempo (no caso dos adultos há maior relevo no tempo, tempo livre e tempo para descansar – também observado nas representações do grupo dos jovens; nos reformados, decorrente da sua condição pós-saída do mercado de trabalho, o relevo encontra-se na liberdade para gozar o tempo que recentemente adquiriram e em viver com menor stress). Pelo contrário, os participantes mais jovens tendem a revelar mais elementos negativos na sua representação de reforma, traduzida na preponderância das ideias de velhice (com adopção de um novo papel social, o de avô), isolamento e solidão, que sugerem a ideia de que a reforma conduz a uma situação de exclusão social. Parece evidente, depois de uma análise profunda como a realizada à literatura existente, que os resultados encontrados pela autora vão num sentido diferente daquele que decorre da relação entre distância temporal e construção mental dos acontecimentos, conforme veremos mais à frente. Apesar disto, é necessário distinguir entre o que é construído colectivamente, como são os estereótipos de idade e de reforma e aquilo que traduz uma construção mental individual, sendo que esta distinção será amplamente explorada no decorrer do trabalho.

Tabela 4: Quadro síntese Conceptualização Valorativa

Categorias usadas	Artigos					
	Graeff (2002)	Roland-Lévy & Berjot (2009)	Crawford (1971)	Kloep & Hendry (2006)	Haas (2002)	MacBean (2007)
<u>Afecto</u>						
• Positivo	X	X	X	X	X	X
• Negativo	X	X	X	X	X	X
<u>Instrumental</u>						
• Ganhos				X	X	
• Perdas			X	X	X	X

Olhar para os significados da reforma na perspectiva da Teoria do Nível de Abstracção: longe da vista, longe do coração

*- For tomorrow belongs to the people who prepare for it today –
Provérbio Africano*

De acordo com Kurt Lewin (1951, cit. Trope, 2003) a “distância psicológica” traduz a ideia de que os níveis de construção dos acontecimentos funcionam como mediadores das consequências psicológicas percebidas, a distância psicológica é a experiência subjectiva do que está perto ou longe do *self*, é um conceito egocêntrico porque o ponto de referência é sempre a experiência do indivíduo (Trope & Liberman, 2010). Assumindo que o passado psicológico e o futuro psicológico são partes simultâneas de um campo psicológico num determinado momento, a perspectiva temporal está em constante mudança (Lewin, 1951 cit. por Boven *et al.*, 2010), a distância psicológica é o factor que determina o nível de maior ou menor abstracção a que as construções mentais se dão (Fujita *et al.*, 2006), ou seja distanciar um objecto/acontecimento em qualquer dimensão psicológica conduz à activação de abstracções de nível superior. Considera-se que um acontecimento está psicologicamente distante quando não pertence à experiência directa do indivíduo, por exemplo um acontecimento está mais distante psicologicamente sempre que ocorre num local distante ou remoto (dimensão espaço), num tempo futuro também remoto ou distante (dimensão tempo), quando há pouca probabilidade que ocorra (dimensão hipotética) ou ainda quando ocorre a outros indivíduos de quem dificilmente o indivíduo se sente socialmente próximo (dimensão social) (Alter & Oppenheimer, 2008; Trope *et al.*, 2007).

Assim, os indivíduos constroem diferentes representações tendo como base a mesma informação, em função da distância a que se encontram os acontecimentos a que esta informação reporta. No entanto, ainda que distância psicológica e níveis de abstracção estejam relacionados, não são uma e a mesma realidade. A distância psicológica é a percepção de quando, onde, com quem e qual a probabilidade de determinado acontecimento se dar, ao passo que os níveis de representação ou de abstracção remetem para o que vai ocorrer, isto é ao processo que origina a representação do acontecimento em si. (...) a construção mental do acontecimento está intimamente relacionada com as propriedades inerentes ao acontecimento e a distância psicológica está mais relacionada com a relação espaço-temporal do acontecimento (Trope & Liberman, 2010).

Não obstante as particularidades de que cada uma goza, é inegável a relação existente entre distância psicológica e nível de construção mental, de maneira que à medida que os acontecimentos estão gradualmente mais ausentes da experiência directa do indivíduo (maior distância psicológica), informação detalhada e concreta acerca desses acontecimentos fica também, gradualmente mais inacessível (abstracção de nível superior).

A Teoria do Nível de Abstracção (Trope & Liberman, 2003) sugere que as pessoas constroem diferentes representações da mesma informação, objecto, ou situação, dependendo se essa informação ou acontecimento pertence a, ou ocorre num, futuro próximo ou distante (Trope & Liberman, 2003). Deste modo, a distância psicológica que um indivíduo tem de um determinado acontecimento está relacionada com o nível de abstracção com que este representa cognitivamente esse acontecimento. Ou seja, acontecimentos que o indivíduo espera que aconteçam num futuro mais distante (maior distância temporal) são construídos a um nível de abstracção mental mais elevado do que os acontecimentos que o indivíduo espera que venham a acontecer num futuro mais próximo (Liberman & Trope, 1998; Trope & Liberman, 2000, 2003). Da mesma maneira, a activação de abstracções de nível superior invocam acontecimentos psicologicamente mais distantes (Liberman *et al.*, 2007a; Liberman *et al.*, 2007b; Trope & Liberman, 2010).

O estudo de Bar-Anan *et al.* (2006) observou então que os indivíduos tendem a associar a proximidade psicológica a construções concretas e distância psicológica a construções abstractas; sendo que isto é válido para as quatro dimensões da distância psicológica; e ainda que esta associação entre distância psicológica e nível de construção mental pode ser activada automaticamente, ou seja sem uma deliberação consciente

Liberman, Trope & Stephan (2007b) apontam para a falta de informação que o indivíduo tem sobre os acontecimentos mais remotos (quando comparamos com os acontecimentos menos distais, ou mais proximais, no tempo) como razão para justificar a representação dos primeiros e a sua construção mental de forma mais abstracta. Assim, os indivíduos utilizam modelos mentais mais abstractos e mais simples (Liberman, Sagristano, e Trope, 2002) para representar informação acerca de acontecimentos que se situam num futuro distante, do que informação acerca de acontecimentos que se realizam num futuro próximo.

Assim, os acontecimentos construídos a um nível superior de abstracção (*high-level construals*) são representados de forma relativamente simples e descontextualizada,

recorrendo-se a características abstractas, mais esquemáticas e inclusivas, e enfatizando-se algumas características centrais, supra-ordenadas e descontextualizadas dos acontecimentos. Em contraponto, os acontecimentos construídos a um nível inferior de abstracção (*low-level construals*) são representados de forma tendencialmente mais contextualizada e incluindo incidentes e características mais básicas dos acontecimentos sendo associados a características mais detalhadas, concretas e específicas (Trope & Liberman, 2003). Estas últimas são mais ricas, complexas, dificilmente redutíveis a dimensões inclusivas e basilares, detalhadas, menos estruturadas e parcimoniosas que as abstracções de nível superior. Em termos práticos, uma representação de nível superior pode ser ‘poupar para a reforma’, ao passo que uma representação de nível inferior pode ser ‘preencher os papéis necessários para iniciar um plano de poupança reforma’ (Leiser, 2008).

A reforma é um fenómeno, inevitavelmente localizado no tempo e numa fase concreta do ciclo de vida dos indivíduos. Usando a TNA como enquadramento, fará sentido esperar que os indivíduos que se percebem como estando mais distantes deste acontecimento o representem mentalmente de forma mais inclusiva e mais abstracta (por exemplo, usando menos categorias para descreverem os significados associados à reforma) do que os indivíduos que se situam a uma menor distância temporal da reforma. Para estes últimos espera-se que representem mentalmente a reforma recorrendo a categorias mais discriminativas e que, por isso organizem os significados associados à reforma de forma mais específica e pormenorizada (por exemplo, usando um maior número de categorias, ou dimensões, para descreverem os significados associados à reforma). De facto, de acordo com Liberman et al (2007a, 2007b) a representação dos acontecimentos que se julga ocorrerem num futuro mais distante é feita de forma mais abstracta e isso implica que “os indivíduos deverão usar categorias mais alargadas” para classificar esses acontecimentos. Liberman, Sagristano, e Trope (2002) verificaram isto mesmo. Os participantes do seu estudo usaram um menor número de categorias para descreverem um acontecimento que julgavam vir a acontecer num futuro mais longínquo, quando comparado com o cenário em que esse acontecimento ocorreria num futuro mais próximo.

Deste modo, colocamos a seguinte hipótese:

Hipótese 1 - Pessoas mais distantes da reforma constroem categorias e representações sociais da reforma mais inclusivas. Pessoas mais próximas da reforma apresentam representações sociais da reforma mais discriminativas

A TNA propõe que a distância temporal muda de forma sistemática a representação mental que as pessoas fazem dos acontecimentos futuros e que essas mudanças determinam, em parte, as mudanças temporais no valor, ou na valência, dos acontecimentos (Lieberman e Trope, 2003). Consequentemente, Eyal *e colegas* (2004) sugerem que o aumento da distância temporal a um determinado acontecimento, ou acção, influencia a saliência dos aspectos favoráveis acerca desse acontecimento para o indivíduo. Ou seja, os aspectos a favor tornam-se mais salientes à medida que a distância temporal ao acontecimento aumenta e os aspectos “contra” tornam-se mais salientes à medida que a distância temporal diminui. Isto assim acontece porque os aspectos/argumentos favoráveis, são construídos a um nível superior de abstracção quando comparados com os aspectos/argumentos contra ou desfavoráveis a essa acção. Assim, a distância temporal potencia a percepção de aspectos favoráveis, em detrimento dos aspectos desfavoráveis (Trope *et al.*, 2007)

Conforme postula a TNA, sempre que se espera que os acontecimentos ocorram num futuro mais distante, é maior a probabilidade destes acontecimentos serem classificados, descritos e explicados através de características que apelam a um nível de abstracção superior, neste caso, a características positivas. Ou seja, se os aspectos favoráveis de um acontecimento constituem abstracções de um nível superior quando comparadas com os aspectos desfavoráveis, a TNA prevê que os aspectos favoráveis se tornem relativamente mais salientes do que os aspectos desfavoráveis à medida que a distância temporal ao acontecimento aumenta.

De acordo com os resultados obtidos por Eyal e colegas (2004), os argumentos a favor de um acontecimento tornam-se mais salientes e os aspectos negativos (ou “contras”) associados a esse acontecimento ficam menos salientes quando a distância temporal a esse acontecimento aumenta.

Também o modelo da Teoria do Conflito assume que a distância temporal incrementa a saliência dos aspectos positivos e diminui a saliência dos aspectos negativos, sendo que se tomarmos uma situação que inclua aspectos positivos e negativos (como é o caso da reforma), ela parecerá mais atractiva no futuro distante do que no futuro próximo (Lieberman & Trope, 1998).

Conforme foi observado por Fujita *et al.* (2008), à medida que a distância aos acontecimentos/objectos aumentam, os argumentos e as características positivas de um argumento tornam-se mais relevantes, fazendo com que os argumentos ou mensagens predominantemente positivas acerca de um acontecimento e intrinsecamente inclusivas e abstractas têm maior impacto nas atitudes face a acontecimentos/objectos localizados num futuro distante, quando comparados com os acontecimentos/objectos localizados num futuro próximo. Neste sentido, também Mitchell *et al.* (1997) haviam observado que o futuro distante é normalmente avaliado como mais positivo do que o futuro próximo.

Assim, prevemos que os indivíduos para quem a reforma é um acontecimento temporalmente mais longínquo sejam mais optimistas relativamente ao que vai acontecer nesse período das suas vidas, atribuindo mais significados positivos à reforma e menos significados negativos do que os indivíduos para quem a reforma se situa num futuro mais próximo. É então de esperar que:

Hipótese 2 - Pessoas que se encontram psicologicamente distantes da reforma têm uma representação da reforma mais positiva e optimista quando comparadas com as pessoas que se encontram mais próximas da reforma.

A pesquisa empírica mostra que os indivíduos, não só tendem a ser mais optimistas acerca dos acontecimentos que se situam num futuro distante, como tendem a ser mais confiantes e a ter expectativas mais positivas acerca dos seus próprios desempenhos quando eles dizem respeito a tarefas que vão ocorrer num futuro mais distal (e.g., Gilovich, Kerr, e Medvec, 1993; Liberman e Trope, 1998; Nisan, 1972). Isto poderá ocorrer porque, de acordo com Griffin e Ross (1991), as pessoas tendem a basear as suas previsões relativamente a acontecimentos distantes em modelos abstractos que subestimam o efeito das influências contextuais e das diferentes contingências que podem condicionar o seu desempenho.

De acordo com Trope e Liberman (2003), o “optimismo no futuro”, caracterizado pela tendência em ter expectativas mais positivas acerca de um acontecimento que ocorrerá num futuro distante, mais do que quando esse acontecimento ocorre num futuro próximo – sugere que a distância temporal aumenta a exequibilidade percebida desse mesmo curso de acção (p. 412). Ou seja, as actividades que são projectadas num futuro distante parecem ser mais exequíveis do que quando

essas actividades são projectadas num futuro próximo. Porém, a TNA defende que o sobre-optimismo relativo a actividades futuras pode reflectir, não uma sobre-estimação da exequibilidade dessas acções no futuro distante, mas uma sub-estimação do peso da exequibilidade na ponderação da informação sobre esse acontecimento quando ele se encontra projectado num futuro distante; sendo, neste caso, mais importante para o indivíduo a desejabilidade do acontecimento (em contraponto com a sua exequibilidade).

Uma diferença entre as representações de baixo nível de abstracção e as representações de elevado nível de abstracção, de um acontecimento projectado num futuro - próximo ou distante - é a saliência que estas atribuem de forma diferenciada à exequibilidade versus desejabilidade da acção planeada. De acordo com Liberman e Trope (1998) a exequibilidade de uma acção remete para a facilidade ou dificuldade do indivíduo alcançar um objectivo ou realizar uma acção. Esta assume uma maior saliência sempre que em causa estão acções ou decisões relativas a acontecimentos que ocorrerão num futuro próximo, mais do que num futuro distante. A distinção entre desejabilidade (valência de uma acção para o indivíduo) e exequibilidade corresponde, desta forma, à distinção entre meios e fins (Gollwitzer & Moskowitz, 1996; Kruglansky, 1996; Miller, Galanter & Pribram, 1960 cit por Liberman & Trope, 1998). Assim, e dado que o critério da desejabilidade assenta numa construção abstracta da acção e a exequibilidade numa construção concreta da acção, a TNA prevê que a influência das considerações sobre a desejabilidade de uma dada acção ocorrerão com mais frequência em acontecimentos, ou decisões, que se colocam num futuro distante, enquanto as considerações sobre a exequibilidade de uma dada acção tenderão a estar mais salientes relativamente a acontecimentos ou decisões que se coloquem num futuro mais próximo (Liberman e Trope, 1998).

A proximidade temporal intensifica a sensibilidade dos indivíduos a potenciais obstáculos e à possibilidade da existência de resultados negativos ou desempenhos contrários às suas expectativas (Liberman & Trope, 1998), também porque a proximidade ao acontecimento incrementa a complexificação dos procedimentos a adoptar. Da mesma maneira, à medida que os acontecimentos se aproximam a informação negativa relativa a esse acontecimento ganha saliência e os indivíduos conseqüentemente e com frequência, tornam-se menos optimistas acerca da sua capacidade de prossecução dos objectivos definidos, (Gilovich *et al.*, 1993; Nisan, 1972; Sanna, 1999; Savitsky *et al.*, 1993; Shepperd, Ouellette & Fernandez, 1996 cit

por Theriault *et al.*, 2008; Nisan, 1972; Sanna, 1999). Ou seja, à medida que os acontecimentos se aproximam no tempo, as ponderações acerca de quão desejado será determinado acontecimento, dão lugar a ponderações acerca da exequibilidade desse mesmo acontecimento e das contingências que o condicionam (Vallacher & Wegner, 1989; Vallacher & Wegner, 1989 cit. por Theriault *et al.*, 2008). Os experimentam então uma diminuição da sua confiança subjectiva (Sanna, 1999) ou da confiança na sua performance em tarefas específicas consoante mudanças na perspectiva temporal (Gilovich *et al.*, 1993 cit. por Sanna, 1999). Segundo Nisan (1972), isto pode suceder também porque a distância temporal permite que o individuo se prepare melhor para determinada tarefa/acontecimento, adquirindo com esta preparação, mais controlo sobre o contexto e o próprio acontecimento, o que o conduz a uma percepção de maior probabilidade de sucesso. O incremento na percepção de controlo sobre o ambiente que a distância temporal gera pode explicar o que se designa por ‘expectativa generalizada’, ou seja a tendência para deter uma expectativa mais elevada face ao futuro (Rotter, 1966 cit por Nisan, 1972): o individuo percebe ter maiores hipóteses de sucesso no futuro do que no presente. Os indivíduos demonstram maior confiança acerca das suas performances à distância e menos confiança quando a proximidade aos acontecimentos em questão aumentam (Sanna, 1999). Desta forma, o que poderia parecer bastante atractivo no futuro pode perder parte da sua natureza atractiva quando é exigido ao indivíduo que este aja no imediato (Zauberman & Lynch, 2005 cit. por Theriault *et al.*, 2008).

O facto dos indivíduos se revelarem mais confiantes quando perspectivam a sua performance num futuro distante do que quando a perspectivam num futuro próximo pode dever-se a diferentes factores; desde logo porque: (a) a proximidade a uma performance conduz a mais pensamentos preparativos; (b) o individuo dedica mais tempo a antecipar o que ainda falta garantir e que cenários poderá encontrar, resultando, eventualmente, na perda de confiança ou no gerar de alguma insegurança; (c) depois porque esta diminuição de confiança pode resultar no aumento da ansiedade e na alteração de humor (Sanna, 1999); ou ainda, (d) devido ao que é designado mais corriqueiramente como perspectiva ‘cor-de-rosa’, ou a tendência para antecipar os acontecimentos de forma mais favorável do que a forma em que são efectivamente experienciados (Mitchell *et al.*, 1997).

Os indivíduos tendem a sentir-se mais responsáveis pelo futuro próximo do que pelo futuro distante, o que significa que o potencial de responsabilização aumenta a saliência

dos aspectos difíceis associados a tarefas de um futuro próximo quando comparada com a saliência dos aspectos difíceis associados a tarefas de um futuro distante, ou seja quanto mais distante está o acontecimento, menos responsável se sente o indivíduo e quanto menos responsável se sente, menos salientes lhe parecem os aspectos difíceis associados a esse acontecimento (Gilovich *et al.*, 1993; Fujita *et al.*, 2008; Shepperd *et al.*, 1996; Zhang&Fishbach, 2010)

Como defendem os autores que desenvolveram trabalho no âmbito da TNA, o aumento da distância temporal substitui gradualmente a exequibilidade pela desejabilidade, aumenta o potencial de atractividade de um acontecimento, incrementa a tendência para deter expectativas mais optimistas sobre os resultados decorrentes desse acontecimento (perspectiva do optimismo futuro), diminui a saliência sobre a informação negativa relativa a esse acontecimento, e com frequência os indivíduos experimentam um aumento na sua confiança subjectiva por força de aumentarem a percepção do controlo sobre o ambiente.

Assim, podemos esperar que os indivíduos cuja distância temporal à reforma é maior tenham menos expectativas de virem a ter problemas na reforma do que os indivíduos que se encontram mais próximos da reforma. Colocamos então a seguinte hipótese:

Hipótese 3 - Pessoas mais próximas da reforma detêm maiores expectativas de problemas na reforma do que as pessoas mais próximas da reforma

Ainda no âmbito da Teoria do Nível de Abstracção, mas lateralmente, observou-se que à medida que os acontecimentos se tornam mais próximos no tempo, os indivíduos gradualmente reduzem o carácter abstracto dos seus objectivos, em detrimento de os tornar mais concretos e ‘colados’ a tarefas específicas, porque isto permite a adopção de reacções adequadas ao contexto (Trope Y, Liberman N., 2003; Eyal T, Liberman N, Walthner E & Trope Y., 2004); Theriault *et al.*, 2008), assumindo um comportamento adaptativo. A relação entre nível de construção e distância objectiva é bidireccional, dado que os acontecimentos construídos concretamente tendem a ser percebidos como objectivamente mais perto do que os acontecimentos construídos abstractamente (Liberman, Trope, McCrea & Sherman, 2007 cit por Boven *et al.*, 2010) e os acontecimentos percebidos como objectivamente mais perto, tipicamente carregam maior carga emocional.

A crescente do descrito, é necessário que nos remetamos para a fluência perceptiva (Alter&Oppenheimer, 2008), descrita como a facilidade com que um indivíduo pensa num determinado acontecimento. Esta pode influenciar a distância psicológica percebida porque os indivíduos tendem a perceber acontecimentos familiares, pessoais e próximos mais fluentemente do que acontecimentos distantes, pouco familiares e impessoais (Alter&Oppenheimer, 2008; Boven *et al.*, 2010; Vallacher&Wegner, 1989). Representa também uma pista relativa a distância, ecologicamente válida, ou seja objectos distantes são mais difíceis de perceber e são por isso, perceptivamente menos fluentes ou mais desfocados (Alter & Oppenheimer, 2008). Vulgarmente descreve-se como o movimento onde o indivíduo deixa de ver a árvore e passa a ver a floresta. É mais provável que acontecimentos distantes sejam perspectivados pela terceira pessoa, como um observador que olha para si próprio, do que sejam perspectivados na primeira pessoa e esta perspectiva visual naturalmente influencia a distância psicológica percebida. Do ponto de vista puramente perceptivo, observou-se que a distância melhora a capacidade de perceber a *gestalt* ou por oposição, compromete a capacidade de perceber o detalhe e origina inclusive, alguma dificuldade em identificar, no todo, um elemento de nível inferior de abstracção (Trope & Liberman, 2010). Na consequência de tudo o que foi enunciado sobre a perspectiva da TNA, mais concretamente aludindo à relação existente entre maior distância temporal (logo maior distância psicológica ao acontecimento) e a menor capacidade de representar o mesmo de forma detalhada, concreta, com antecipação dos diferentes elementos do contexto que o condicionam e colocando as várias alternativas e cursos de acção possíveis (Trope e Liberman, 2003), é espectável que indivíduos que se situam mais próximos da reforma (menor distância temporal) visualizem mais frequentemente a sua vida nesse período das suas vidas (de um modo antecipatório) do que os indivíduos que se encontram mais distantes da reforma. Em consonância, colocamos a seguinte hipótese:

Hipótese 4 - Pessoas mais distantes psicologicamente da reforma apresentam menor visualização da reforma do que as pessoas que se encontram mais próximas da reforma.

Depois de enunciadas as hipóteses de trabalho, seguir-se-á a descrição da metodologia adoptada no presente estudo, a análise dos dados no sentido do teste das hipóteses e a discussão dos resultados encontrados.

Método

Participantes

O presente estudo foi realizado com base nos dados de um inquérito mais geral sobre Atitudes face à reforma, realizado por uma equipa do ISCTE-IUL, em 2008. O inquérito foi aplicado a uma amostra representativa da população portuguesa adulta residente no Continente e visava averiguar as atitudes face à poupança, sendo que para o efeito foram entrevistados mil indivíduos. O questionário foi aplicado através de entrevista pessoal na residência do inquirido. No processo de amostragem, a selecção de estratos e de localidades foi efectuada com base nas NUT II (Região Norte, Região Centro, Região Lisboa e Vale do Tejo, Região Alentejo, Região Algarve) e no Habitat (Inferior a 2.000 habitantes, de 2.000 a 10.000 habitantes, de 10.000 a 20.000 habitantes, de 20.000 a 50.000 habitantes, de 50.000 a 100.000 habitantes e de 100.000 ou mais habitantes). Em cada localidade (ponto de amostragem), foi utilizado o método random route para seleccionar um ponto de partida aleatoriamente, através das listagens telefónicas, onde o ponto de partida constituía o primeiro endereço de um conjunto máximo de 10 endereços.

Desta base de dados original e composta por mil indivíduos, foi retirada uma amostra aleatoriamente, composta de 800 indivíduos, cuja distribuição por idade, sexo, grau de escolaridade e ocupação profissional é a que pode ser consultada no ANEXO 4.

Destes grupo composto por 800 indivíduos seleccionámos apenas dois grupos, de acordo com o critério etário que o estudo cumpre, um grupo com os indivíduos que possuem idades entre os 25 e 39 anos e os indivíduos que possuem idades entre os 50 e os 60. Pontualmente e em função da análise estatística, foi usados dados que agregam ambos os grupos etários (25-39_e_50-60). As caracterizações dos dois grupos de indivíduos referidos (mais novos e mais velhos) podem ser consultadas abaixo:

Tabela 5: Caracterização do grupo 25-39

		Frequência	%
Idade	25 - 29 anos	111	32,2
	30-34 anos	116	33,6
	35-39 anos	118	34,2
Sexo	Masculino	178	51,6
	Feminino	167	48,4
Escolaridade	1º Ciclo	10	2,9

	2º Ciclo	31	9
	3º Ciclo	66	19,1
	Secundário e pós secundário	20	5,8
	Superior	118	26,4
	Dono empresa (>5 colaboradores)	3	0,9
	Dono empresa (<5 colaboradores)	11	3,2
	Quadro Superior	44	12,8
	Profissão liberal	27	7,8
	Quadro Médio	47	13,6
	Empregado escritório	54	15,7
	Empregado comércio	33	9,6
	Trabalhador agrícola/pescador	2	0,6
	Operário especializado	69	20
Ocupação	Trabalhador não especializado	55	15,9
	Total	345	

Esta amostra é composta por 345 participantes, cujas idades estão compreendidas maioritariamente entre os 35 e os 39 anos, principalmente do sexo masculino, de escolaridade ao nível do ensino superior ou pós-secundário e cuja ocupação maioritária é operário especializado.

Tabela 6: Caracterização do grupo 50-60

		Frequência	%
	50-54 anos	106	44
Idade	55-60 anos	135	56
	Masculino	100	41,5
Sexo	Feminino	141	58,5
	Nenhum	2	0,8
	1º Ciclo	115	47,7
	2º Ciclo	51	21,2
	3º Ciclo	25	10,4
	Secundário e pós secundário	3	1,2
Escolaridade	Superior	45	18,7
	Dono empresa (>5 colaboradores)	4	1,7
	Dono empresa (<5 colaboradores)	11	4,6
	Quadro Superior	16	6,6
	Profissão liberal	11	4,6
	Quadro Médio	16	6,6
	Empregado escritório	18	7,5
	Empregado comércio	27	11,2
	Trabalhador agrícola/pescador	6	2,5
	Operário especializado	60	24,9
Ocupação	Trabalhador não especializado	72	29,9

Total

241

Esta amostra compõe-se de 241 participantes, dos quais 56% tem idades entre os 54 e os 60 anos, maioritariamente do sexo feminino, cuja escolaridade máxima é o 1º Ciclo e a ocupação maioritária é a de trabalhador não especializado.

Operacionalização das variáveis

As hipóteses enunciadas serão testadas através de uma variável que operacionaliza os significados de reforma, três variáveis critério que operacionalizam o optimismo face à reforma, a expectativa de problemas na reforma e a visualização da reforma, a idade será a variável manipulada para observar as relações hipotetizadas. *Significados associados à reforma.* A variável que operacionaliza os significados de reforma é uma variável composta por 8 itens, construídos para este estudo com base na literatura sobre os significados, representações, atitudes e expectativas face à reforma. A variável é de natureza qualitativa ordinal, medida através de uma escala de cinco pontos onde o 1 significa ‘nada’ e o 5 significa ‘muito’. À pergunta: A reforma tem significados diferentes para diferentes pessoas. Em que medida a reforma para si significa cada um dos seguintes aspectos?, os participantes eram convidados a se posicionarem relativamente aos seguintes itens:

1. Oportunidade para passar mais tempo com a família
2. Dificuldades económicas
3. Preocupação e atenção à saúde acrescidas
4. Maior dependência de outros para o cuidado pessoal
5. Mais tempo livre
6. Aborrecimento
7. Maior oportunidade de socialização, de estar com outras pessoas
8. Oportunidade para fazer viagens que não pôde fazer quando era mais novo(a)

Optimismo face à reforma. A variável optimismo é de natureza qualitativa nominal e avaliada através de um item que remete para a questão: Em geral, pensa que a sua vida será pior, mais ou menos igual ou melhor à de agora, quando se reformar?, sendo medida através de uma escala em que 1 significa ‘pior’, 2 significa ‘mais ou menos igual’ e 3 significa ‘melhor’.

Expectativa de problemas na reforma. A variável expectativa de problemas na reforma (Exp_Problemas) é composta por dois itens com uma correlação estatisticamente significativa, apresentando um coeficiente de correlação de Pearson-r de 0,408. É de natureza qualitativa nominal, medida através de uma escala de cinco pontos onde 1 significa ‘discorda totalmente’ e 5 significa ‘concorda totalmente’, na qual os itens constituem possibilidades de resposta à questão: as seguintes frases dizem respeito ao envelhecimento e à reforma, diga em que medida discorda ou concorda com cada uma delas se se referirem a si próprio;

1. Espera ter de baixar o seu nível de vida durante a reforma
2. Espera ter sérios problemas de saúde

Visualização da reforma. Finalmente, a variável visualização da reforma (Vis_Reforma) é composta por dois itens com uma correlação estatisticamente significativa, apresentando um coeficiente de correlação de Pearson-r de 0,497. É de natureza qualitativa nominal, medida através de uma escala de cinco pontos, onde 1 significa ‘nunca’ e 5 significa ‘muito frequentemente’. Neste caso, os participantes são convidados a responder às questões:

1. Independentemente do tempo que possa faltar, com que frequência tem pensado sobre os seus anos de reforma (o que vai fazer, onde vai viver, etc)?
2. Tem pensado muito sobre o que quer fazer na reforma?

Análise dos resultados

Para proceder à análise das hipóteses foi necessário trabalhar com dois grupos de indivíduos: o grupo dos 25-39 anos de idade e o grupo dos 50-60 anos de idade.

Tabela 7 – Quadro síntese Estatísticas Descritivas Significados associados à reforma

	Grupo 25-39		Grupo 50-60		ANOVA	
	M	DP	M	DP	F	p
1. Oportunidade para passar mais tempo com a família	4,18	3,45	3,89	3,67	,04	,82
2. Dificuldades Económicas	,83	,99	,85	,85	2,21	,13
3. Preocupação e atenção à saúde acrescidas	3,89	,85	3,95	,93	,51	,47
4. Maior dependência de outros para o cuidado pessoal	3,67	,85	3,71	,96	,29	,58
5. Mais tempo livre	4,37	,77	4,26	,78	2,63	,10
6. Aborrecimento	3,09	1,01	3,15	,98	,41	,52
7. Maior oportunidade de socialização, de estar com outras pessoas	4,09	,78	4,01	,81	1,43	,23
8. Oportunidade para fazer as viagens que não pôde fazer quando era mais novo(a)	3,53	,90	3,24	1,04	13,04	,00

Quando se observam as estatísticas descritivas dos itens relativos à variável significados associados à reforma para os participantes com idades entre os 25 e os 39 anos e os participantes com idades entre os 50 e os 60 anos (ver Tabela 7), verifica-se que, de uma maneira geral, e apesar das diferenças não serem estatisticamente significativas entre os dois grupos, é possível concluir que para o grupo dos 50-60 anos, a reforma significa mais privilegiadamente, uma oportunidade para passar mais tempo com a família, um período de dificuldades económicas, acarreta maior preocupação e atenção à saúde e uma relativa maior dependência dos outros para o cuidado pessoal, bem como um período de maior aborrecimento e nem tanto uma oportunidade para fazer as viagens que não fez quando era novo. Os itens menos diferenciadores entre grupos são os que remetem para a reforma como significando mais tempo livre e melhores oportunidades de socializar e estar com outras pessoas.

No sentido de testar a primeira hipótese (H1), isto é de compreender se pessoas mais distantes da reforma constroem categorias e representações sociais da reforma

mais inclusivas, comparando com pessoas mais próximas da reforma, as quais se espera que apresentem representações sociais da reforma mais discriminativas, foram realizadas duas análises factoriais exploratórias. A Tabela 8 apresenta os resultados da análise factorial aos itens da variável *significados associados à reforma* nos dois grupos etários comparados neste estudo.

Tabela 8: Resultados da análise factorial dos itens da variável “significados associados à reforma” para os dois grupos etários (25-39, 50-60)

Itens	25-39 anos		50-60 anos	
	Factor 1	Factor 2	Factor 1	Factor 2
	Ganhos	Perdas	Ganhos	Perdas
Maior dependência de outros para o cuidado pessoal	0,20	0,75	0,21	0,75
Preocupação e atenção à saúde acrescidas	0,23	0,73	-0,01	0,77
Dificuldades económicas	-0,00	0,68	-0,01	0,71
Aborrecimento	-0,28	0,60	0,06	0,36
Mais tempo livre	0,68	0,10	0,76	0,11
Maior oportunidade de socialização, de estar com outras pessoas	0,65	0,06	0,80	0,12
Oportunidade para passar mais tempo com a família	0,64	0,16	0,48	0,30
Oportunidade para fazer as viagens que não pôde fazer quando era mais novo(a)	0,57	-0,19	0,64	-0,16

A análise factorial aos itens dos significados associados à reforma, realizada no grupo de participantes com idades entre os 25 e os 39 anos, através do processo de rotação *Varimax* evidenciou a existência de dois factores, sendo que o primeiro se constitui exclusivamente dos aspectos negativos relacionados com a reforma ou com as perdas que desta possam advir e um segundo factor que congrega os aspectos positivos da reforma ou os ganhos percebidos pelos participantes (consultar Tabela 8). Os dois factores encontrados explicam 47,9% da variância total desta variável, sendo que o primeiro factor explica 25,2% e o segundo factor explica 22,7% da variância. A análise factorial efectuada aos itens dos significados associados à reforma no grupo etário dos 50-60, revela, igualmente a organização dos itens em dois factores, associados aos aspectos negativos e positivos da reforma, saturando os itens de forma semelhante ao que acontecia no grupo dos 25-39 anos. Porém, ao contrário do que foi observado na sub-amostra 25-39, o primeiro factor constitui-se exclusivamente dos aspectos positivos relacionados com a reforma ou com os ganhos que desta possam advir (explicando 48,9% da variância total da variável) e o segundo factor congrega os aspectos negativos

da reforma ou as perdas percebidas pelos participantes (explicando 24,1% da variância total da variável).

Assim, os dados evidenciam a existência de uma invariância configuracional da variável “significados associados à reforma” nos dois grupos etários, no grupo dos participantes mais distantes da reforma (25-39 anos) e no grupo dos participantes temporalmente mais próximos da reforma (50-60 anos), não suportando a hipótese 1. Por outras palavras, não se encontram diferenças na estrutura factorial desta variável nos dois grupos etários. Ambos os grupos organizam os itens em dois factores, de valência oposta: um factor positivo, associado aos ganhos e outro factor negativo, associado às perdas que se espera virem a acontecer nesse período da vida dos indivíduos.

Foi possível porém, observar que, no grupo dos 50-60 anos de idade, o peso factorial do item relacionado com o tempo passado em família, apresenta valores de saturação muito próximos para ambos os factores, ganhos e perdas. Para melhor compreender o que poderia estar na origem dos valores encontrados, procedeu-se a uma análise das correlações inter-itens para esta sub-amostra e observou-se que o indicador do tempo passado em família (integrado no factor associado aos ganhos) se encontra muito correlacionado com o indicador da maior dependência de outros para o cuidado pessoal (integrado no factor associado às perdas) ($\alpha=0,320$). Ou seja, poderá assumir-se que os participantes considerem que algum/muito do tempo passado em família durante a reforma, se proporcionará por via de necessitarem também de maior apoio dos familiares para garantir o seu próprio cuidado pessoal.

Face ao exposto, é possível concluir que os dados não suportam a nossa hipótese, ou seja os participantes mais velhos não apresentam representações da reforma mais discriminativas do que os participantes mais jovens.

Com base no resultado das análises factoriais, foram construídas então duas variáveis, uma com enfoque nos *ganhos associados à reforma*, composta por 4 itens (oportunidade para passar mais tempo em família; mais tempo livre; maior oportunidade de socialização, de estar com outras pessoas e oportunidade para fazer as viagens que não pôde fazer quando era novo(a)) e uma variável com enfoque nas *perdas associadas à reforma*, composta igualmente por 4 itens (dificuldades económicas; preocupação e atenção à saúde acrescidas; maior dependência de outros para o cuidado pessoal e aborrecimento).

A variável *ganhos associados à reforma* tem uma consistência interna adequada tanto no grupo etário dos 25-29 ($\alpha=0,55$), como no grupo etário dos 50-60 ($\alpha=0,53$). A variável *perdas associadas à reforma* tem também uma consistência interna adequada tanto no grupo etário dos 25-29 ($\alpha=0,66$), como no grupo etário dos 50-60 ($\alpha=0,62$).

Para testar a segunda hipótese, de que pessoas que se encontram psicologicamente distantes da reforma têm uma representação da reforma mais positiva desta, comparativamente às pessoas que se encontram psicologicamente mais próximas da reforma, fomos verificar se existiam diferenças nestes dois grupos etários relativamente às médias das variáveis: (a) *ganhos associados à reforma* (esperando-se que a média dos indivíduos do grupo 25-39 fosse mais elevada do que a média do grupo dos indivíduos com 50-60 anos); (b) *perdas associadas à reforma* (esperando-se que a média dos indivíduos do grupo 25-39 fosse mais baixa do que a média do grupo dos indivíduos com 50-60 anos); e (c) *optimismo face à reforma* (esperando-se que a média dos indivíduos do grupo 25-39 fosse mais elevada do que a média do grupo dos indivíduos com 50-60 anos).

Os resultados da análise de variância dos *ganhos associados à reforma* mostram que, tal como se esperava, a média dos ganhos associados à reforma é mais elevada nos indivíduos que estão mais distantes da reforma ($M_{25-39}=4,05$; $DP_{25-39}=0,54$; $M_{50-60}=3,94$; $DP_{50-60}=0,61$) e que essa diferença é estatisticamente significativa ($F(1,557)=5,347$, $p=0,2$; $n=0,01$).

No entanto, os resultados da análise de variância das *perdas associadas à reforma* mostram que apesar da percepção de perdas associadas à reforma ser menor para os indivíduos mais distantes da reforma ($M_{25-39}=3,54$; $DP_{25-39}=0,65$; $M_{50-60}=3,59$; $DP_{50-60}=0,67$), essa diferença não é estatisticamente significativa ($F(1,554)=1,063$, $p=0,30$; $n=0,002$).

No que respeita às diferenças na variável *optimismo face à reforma*, verificámos que, tal como esperado, a média do optimismo face à reforma no grupo etário dos 25-39 era significativamente mais alta do que a média do optimismo face à reforma no grupo etário dos 50-60 anos de idade. Os resultados mostram que os participantes mais jovens ou mais distantes da reforma exibem maior optimismo face à reforma ($M_{25-39}=1,94$; $DP_{25-39}=0,64$; $M_{50-60}=1,77$; $DP_{50-60}=0,66$) e que estas diferenças são estatisticamente significativas ($F(1,496)=8,033$, $p=0,005$; $n=0,16$).

Resumindo, os dados suportam de um modo geral a nossa hipótese 2, de que os indivíduos que estão mais distantes da reforma são mais otimistas relativamente a este período das suas vidas. Por outras palavras, as pessoas que se encontram psicologicamente mais distantes da reforma têm uma representação da reforma mais positiva do que as pessoas para quem a reforma é um acontecimento mais próximo.

Com a finalidade de testar a terceira hipótese, de que pessoas mais próximas da reforma têm uma maior expectativa de problemas na reforma quando comparadas com pessoas que se encontram mais distantes da reforma, realizámos uma análise da variância da *expectativa de problemas na reforma* comparando o grupo etário dos 50-60 anos com o grupo dos anos 25-39. Os resultados vão no sentido hipotetizado, suportando a nossa hipótese 3, e mostram que os indivíduos mais próximos da reforma têm em média maiores expectativas de virem a ter problemas na reforma ($M_{50-60}=2,88$; $DP_{50-60}=0,69$), quando comparados com o grupo dos indivíduos mais novos ($M_{25-39}=2,69$; $DP_{25-39}=0,71$) e essas diferenças são estatisticamente significativas ($F(1,584)=10,025$, $p=0,00$; $n=0,01$).

Em função dos resultados obtidos na análise de variância, é possível concluir que as pessoas menos distantes psicologicamente da reforma, no caso os participantes mais velhos, detêm maior expectativa de problemas na reforma do que os participantes mais jovens, que se encontram a uma distância psicológica da reforma superior.

Por último e no sentido de testar a quarta hipótese, que pressupõe que pessoas mais próximas da reforma apresentam maior visualização da reforma quando comparadas com pessoas mais distantes da reforma, foi necessário proceder a uma análise de variância da visualização de reforma nos dois grupos etários em estudo. Os resultados demonstraram que, tal como se esperava, os indivíduos mais próximos da reforma visualizavam com mais frequência a sua vida após a reforma ($M_{50-60}=3,10$; $DP_{50-60}=0,83$) do que os indivíduos que ainda se encontravam longe desse acontecimento ($M_{25-39}=2,50$; $DP_{25-39}=0,83$); sendo essa diferença estatisticamente significativa ($F(1,584)=71,575$, $p=0,00$; $n=0,109$).

No seguimento da análise conduzida, podemos dizer que os dados suportam a quarta hipótese. Ou seja, as pessoas mais próximas da reforma, no caso os participantes mais velhos, apresentam maior visualização da reforma, quando comparados com os participantes mais novos e psicologicamente mais distantes da reforma.

Discussão dos resultados

*Retirement: It's nice to get out of the rat race,
but you have to learn to get along with less cheese*
Gene Perret

Só muito recentemente, mais concretamente no séc. XX, é que o mundo ocidental e industrializado fez da idade um critério de disposição dos indivíduos na matriz social, mas esta lógica está novamente em causa, desafiada pelas mudanças demográficas e sociais e pelo advento da falência do sistema capitalista e inevitável alteração do paradigma. É neste enquadramento que a necessidade de compreender o fenómeno da reforma se reveste de importância e incrível tradução na prática psicossociológica.

O presente estudo tinha como intenção cumprir um duplo objectivo. Por um lado servir de elemento integrador, agregador e organizador da literatura existente acerca dos significados da reforma e, por outro lado, entender a representação mental que os indivíduos fazem da reforma à luz da perspectiva da Teoria do Nível de Abstracção, tentando compreender se indivíduos que se situam em distintas distâncias temporais relativas à reforma constróem representações com níveis de abstracção diferenciados relativamente a esta fase da vida. Este trabalho permitiu-nos construir uma tipologia tripartida dos significados da reforma que reúne três vectores de análise, são eles a conceptualização categorial, a conceptualização desenvolvimentista e a conceptualização valorativa. Desta forma, os significados da reforma podem estar organizados em função dos grandes domínios da vida do indivíduo (*conceptualização categorial*), sendo, neste caso, a reforma associada ao abandono do contexto laboral, ao estreitamento de laços familiares, à perda financeira, à diminuição do bem-estar ou da condição de saúde, e a um maior investimento nas actividades de lazer, entre outros domínios. Os significados associados à reforma podem também remeter para uma *concepção desenvolvimentista* sempre que a reforma é conceptualizada como uma fase da vida do indivíduo que pode ser de ruptura, transição ou continuidade do *status quo* experimentado no período pré-reforma. Finalmente, é possível organizar os significados da reforma atendendo a um *critério valorativo* que polariza a reforma em termos do que esta tem de positivo, ou dos aspectos que constituem os ganhos associados à reforma - como adquirir maior disponibilidade para a família ou actividades de lazer e hobbies, a liberdade decorrente da ausência de horários ou compromissos, entre outras, ou em

termos do que esta tem de negativo ou aspectos percebidos como perdas associadas à reforma - perda de condição financeira, decréscimo na saúde, perda das relações laborais, perda de propósito, entre outras.

Neste estudo comparámos dois grupos de indivíduos a distâncias temporais distintas relativamente à reforma: um grupo com idades entre os 25 e os 39 anos de idade e um grupo com idades compreendidas entre os 50 e os 60 anos de idade.

Os resultados das análises efectuadas para testar a nossa primeira hipótese, de acordo com a qual os indivíduos que estão mais distantes da reforma a representam mentalmente de forma mais inclusiva e mais abstracta (por exemplo, usando menos categorias para descreverem os significados associados à reforma) do que os indivíduos que se situam a uma menor distância temporal da reforma, na linha dos trabalhos de Liberman *et al* (2002), não suportam a nossa hipótese. De facto, as análises factoriais realizadas permitiram identificar dois factores, comuns a ambos os grupos etários: um factor com claro enfoque nos aspectos positivos, ou relacionados com os ganhos associados à reforma, e outro factor com enfoque nos aspectos negativos, ou relacionados com as perdas associadas à reforma. Isto permite concluir que existe nos dois grupos etários (jovens e pré-reformados), uma invariância configuracional, organizando estes os significados associados à reforma de modo semelhante e com base numa conceptualização valorativa. A invariância configuracional não permite suportar a primeira hipótese. Ou seja, os resultados obtidos com o nosso estudo não nos permitem afirmar que as pessoas mais próximas da reforma apresentem representações da reforma mais discriminativas, quando comparadas com o grupo mais jovem, que se encontra temporalmente mais distante da reforma. De acordo com os resultados observados, não há diferença na forma como as pessoas pensam sobre os significados associados à reforma ou na forma como a representam quando comparamos os dois grupos etários (mais próximos e mais distantes da reforma), o que pode significar que existe uma construção colectiva da reforma (representação social da reforma) que é partilhada pelos indivíduos de diferentes idades, independentemente da proximidade física ou psicológica que as pessoas têm da reforma. Segundo a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1961), estas construções visam tornar familiar uma realidade que pode ser distante ou desconhecida e pré-existem à produção de conhecimento, no caso a construção mental acerca da reforma. Seria útil que estudos posteriores conseguissem discernir entre o que é socialmente produzido e o que é individualmente construído, bem como tivessem em conta uma diversidade de significados de reforma superior e

capaz de fornecer mais informação, para que fosse possível testar a invariância configuracional agora encontrada tendo em conta uma maior amplitude de significados potencialmente associáveis à reforma..

Segundo os estudos no âmbito da TNA (Alter & Oppenheimer, 2008; Bar-Anan *et al.*, 2006; Boven *et al.*, 2010; Fujita *et al.*, 2006; Liberman *et al.*, 2007; Shepperd *et al.*, 1996), o optimismo é um produto provável da distância temporal, ou seja quanto mais distante se situa um acontecimento, maior é o optimismo reportado pelos indivíduos face a esse acontecimento. O presente estudo confirma que a relação entre a distância temporal ao período da reforma e o optimismo face à reforma está presente nos participantes do nosso estudo. Ou seja, o nosso estudo evidencia que pessoas que se encontram psicologicamente mais distantes da reforma percebem mais ganhos associados à reforma e têm uma representação da mesma mais optimista ou positiva do que as pessoas do grupo etário mais próximo da reforma. Ao contrário do que era esperado, os resultados não mostraram diferenças no que respeita às perdas associadas à reforma quando comparámos os dois grupos etários. É possível que isto aconteça porque as abstracções de nível superior (*high level construal*) nem sempre conduzem ao optimismo, apenas quando a representação do acontecimento a um nível de abstracção superior implica ela mesma, maior positividade ou é mais atractiva do que a abstracção de nível inferior, ou seja, quando a abstracção de nível superior representa maior probabilidade deste acontecimento produzir os resultados desejados ou esperados (ter mais tempo livre, estreitar os laços familiares, poder fazer as viagens que não pôde quando era novo, etc.) (Noone *et al.*, 2010; Trope *et al.*, 2007; Trope & Liberman, 2010).

O presente estudo sugere ainda que pessoas mais próximas da reforma detêm maior expectativa de virem a ter problemas na reforma quando comparadas com pessoas que se encontram temporalmente mais distantes desta fase da vida. Este resultado vai ao encontro da literatura empírica da TNA, de acordo com a qual as pessoas tendem a ser mais confiantes e a ter expectativas mais positivas acerca dos seus próprios desempenhos quando estes dizem respeito a tarefas que vão ocorrer num futuro mais distal, comparativamente a um futuro mais próximo (e.g.,

Liberman e Trope, 1998; Nisan, 1972

O facto de, segundo Liberman e Trope (1998), a exequibilidade de uma acção estar mais saliente sempre que essa acção ocorre num futuro próximo (estando a sua desejabilidade mais saliente sempre que essa mesma acção decorre num futuro mais

longínquo), faz também com que a proximidade temporal intensifique também a visualização desse acontecimento. Os resultados do presente estudo apontam também nesta direcção: as pessoas que se situam a uma menor distância temporal da reforma (grupo etário 50-60) visualizam (de um modo antecipatório), com mais frequência, a sua vida nesse período das suas vidas, do que os indivíduos que se encontram mais distantes da reforma (grupo etário 25-39).

O trabalho que aqui apresentamos sugere que a TNA é uma abordagem adequada para compreender a forma como indivíduos que se situam a distâncias temporais diferentes de um acontecimento, como seja a reforma, constroem representações mentais com níveis de abstracção diferenciadas deste mesmo acontecimento. Nomeadamente, indivíduos mais distantes da reforma, visualizam com menos frequência este período futuro das suas vidas mas (ou por isso mesmo) são mais optimistas relativamente e percebem mais ganhos associados à reforma, para além de terem expectativas menos negativas relativamente aos problemas que podem vir a encontrar neste período das suas vidas, comparativamente a indivíduos que se encontram mais próximos do período da reforma.

Assim, este trabalho contribui não só para o alargamento da literatura da reforma, propondo uma tipologia integradora dos significados que na literatura têm vindo a ser associados à reforma, como é um contributo importante para a literatura da Teoria do Nível de Abstracção, ao permitir verificar alguns dos seus pressupostos nas questões concretas da reforma (campo até agora não explorado).

De acordo com Liberman et al (2007), a distância psicológica a que se situa um determinado acontecimento (por exemplo, a reforma) pode ser encurtada se usarmos na nossa comunicação representações mentais que apelem a níveis mais inferiores de abstracção. Alterar a forma como a pessoa representa um determinado acontecimento pode produzir mudanças importantes no significado deste acontecimento para o indivíduo (Trope & Liberman, 2003). Isto significa que, tal como a distância temporal dos acontecimentos condiciona o nível de abstracção com que esse acontecimento é representado, de forma semelhante, a invocação de níveis de abstracção de nível inferior activa posicionamentos psicológicos mais proximais ao acontecimento em causa por parte dos indivíduos.

Assim, o trabalho aqui apresentado pode ter ainda um impacto importante ao nível da intervenção ao sugerir que o fomentar de exercícios de visualização do período da reforma em alturas cada vez mais precoces pode encurtar a distância psicológica a

que as pessoas se situam face à reforma, fazendo com que os indivíduos se sintam psicologicamente mais próximos da reforma e ajam em consonância, por ex. iniciando o planeamento da sua reforma (nomeadamente ao nível da poupança para a reforma) com uma maior antecedência.

Diversos estudos relatam as vantagens do planeamento antecipado da reforma para o bem-estar do indivíduo no período pós-reforma e nos níveis de ajustamento e satisfação na reforma (Noone *et al.*, 2009; Reitzes & Mutran, 2004; Elder & Rudolph, 1999; Petkoska (2009). Uma vez que a distância psicológica a um acontecimento está positivamente associada a um maior planeamento e acções de preparação para esse acontecimento, intervir ao nível da visualização da reforma pode potenciar o planeamento da vida após a reforma (p. ex., através do investimento precoce em planos de poupança para a reforma) mais cedo do que as pessoas costumam fazê-lo. Sendo desejável que a relação entre construção dos significados associados à reforma e distância psicológica, possa ser explorada em temas tão importantes e actuais como o planeamento da reforma, os comportamentos de poupança para a reforma, a sustentabilidade do sistema social eminentemente em falência, o empoderamento dos indivíduos face à reforma, a implementação de políticas de co-responsabilização, a satisfação dos indivíduos ou mesmo o bem-estar subjectivo.

Seria também interessante que outros estudos pudessem analisar os significados de reforma tendo como enquadramento, outras conceptualizações temporais como a Perspectiva do Tempo Futuro (*Future Lock-in*) de Zimbardo e Boyd, no sentido de averiguar de que forma a propensão para uma perspectiva de tempo saturada de futuro estaria relacionada com significados de reforma mais discriminativos e detalhados ou mesmo a perspectiva teórica dos *Possible Selves*, no sentido de compreender a relação entre uma representação de self futuro, tendencialmente mais simples e integrada (Wakslak, Nussbaum, Liberman & Trope, 2006 cit por Trope *et al.*, 2007), e a representação de reforma, na lógica de como o indivíduo se imagina ser na reforma.

Conclusões

Este estudo representa um contributo importante na compreensão dos significados de reforma, não somente porque fornece um instrumento organizador e integrador da literatura sobre o tema, mas porque esclarece a relação entre a construção dos significados de reforma e a distância temporal e psicológica. Daqui se podendo aduzir que o estudo contribui teoricamente, confirmando o principal pressuposto da TNA e

demonstrando a relação existente entre distância temporal e nível de abstracção e a relação entre nível de abstracção e optimismo, expectativa de problemas e visualização à reforma; bem como se constitui um conhecimento de elevado potencial de aplicação, nomeadamente junto dos decisores políticos e sociais, privados e particulares que partilham a preocupação da relativa iliteracia financeira no que concerne à poupança para a reforma, da excessiva dependência ao Estado no planeamento da reforma, da distância que todos parecem sentir relativamente à sua reforma, com o objectivo último de abrir caminho para uma mudança de atitude que possa antecipar alguns dos desafios sociais que se aproximam.

Referências

- Adams, G.A., Rau, B.L. (2011). Putting off tomorrow to do what you want today: planning for retirement. *American Psychological Association*, 66, 3, 180 - 192
- Albuquerque, A.S., Tróccoli, B.T. (2004). Desenvolvimento de uma Escala de Bem-Estar Subjectivo. In: *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20, 2, 153 - 164
- Alter, A., Oppenheimer, D.M. (2008). Effects of fluency on Psychological Distance and Mental Construal (or Why New York is a large city, but is a civilized jungle). In: *Psychological Science*, 19, 2, 161 – 167
- Anderson, J.R. (2005). *Cognitive psychology and its implications*. New York: Worth Publishers
- Anderson, K.H., Burkhauser, R.V. & Quinn, J. F. (1986). Do Retirement Dreams Come True? The Effect of Unanticipated Events on Retirement Plans. *Industrial and Labor Relations Review*, 39, 4, 518-526
- Bar-Anan, Y., Liberman, N., Trope, Y. (2006). The Association Between Psychological Distance and Construal Level: Evidence From an Implicit Association Test. In: *Journal of Experimental Psychology: General*, 135, 4, 609 – 622
- Beehr, T.A. (1986). The Process of Retirement: A review and recommendations for future investigation. *Personnel Psychology*, 39, 31-55
- Bonsang, E. & Klein, T.J. (2011). *Retirement and subjective well-being*. IZA Discussion Paper nº 5536, Tilburg: Tilburg University
- Boven, L.V., McGraw, A.P., Kane, J., Dale, J. (2010). Feeling Close: Emotional Intensity Reduces Perceived Psychological Distance. In: *Journal of Personality and Social Psychology*, 98, 6, 872 – 885
- Bowlby, G. (2007). Defining Retirement. *Perspectives on Labor and Income*, 8, 2, 15-19
- Bytheway, B. (2005). Ageism and Age categorization. In: *Journal of Social Issues*, 61, 2, 361 – 374
- Crawford, M.P. (1971). Retirement and Disengagement. In : *Human Relations*, 24, 3, 255 – 278
- Cobb-Clark, D.A. & Stillman, S. (2006). The Retirement Expectations of Middle-Aged Individuals. *The Economic Record*, 85, 269, 146-163
- Cuddy, A., Norton, M., Fiske, S. (2005). This old stereotype: The pervasiveness and persistence of the elderly stereotype. In: *Journal of Social Issues*, 61, 2, 267 – 285
- Diener, E. (1984). Subjective Well-Being. In : *Psychological Bulletin*, 95, 3, 542 – 575
- Elder, H. W., & Rudolph, P. M. (1999). Does retirement planning affect the level of retirement satisfaction? *Financial Services Review*, 8, 117–127
- Eyal, T., Liberman, N., Walthner, E., Trope, Y. (2004). The Pros and Cons of temporally near and distant action. In: *Journal of Personality and Social Psychology*, 86, 6, 781 – 795
- Ferreira, J.M.C., Neves, J., Caetano, A. (2001). *Manual de Psicossociologia das Organizações*. Amadora: McGrawHill
- Fletcher, W., Hansson, R. (1991). Assessing the Social Components of Retirement Anxiety. In: *Psychology and Ageing*, 6, 1, 76 - 85
- Fujita, K., Eyal, T., Chaiken, S., Trope, Y., Liberman, N. (2008). Influencing attitudes toward near and distant objects. In: *Journal of Experimental Social Psychology* 44, 562 – 572

- Fujita, K., Henderson, M.D., Eng, J., Trope, Y. & Liberman, N. (2006a). Spatial Distance and Mental Construal of Social Events. *Association for Psychological Science*, 17, 4, 278-282
- Fujita, K., Trope, Y., Liberman, N., Levin-Sagi, M. (2006b). Construal Levels and Self-Control. In: *Journal of Personality and Social Psychology*, 90, 3, 351 – 367
- Gee, S. & Baillie, J. (1999). Happily ever after? An exploration of retirement expectations. *Educational Gerontology*, 25, 109-128
- Gilovich, T., Kerr, M., & Medvec, V.H. (1993). The effect of temporal perspective on subjective confidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64, 552 - 560
- Graeff, L. (2002). Representações Sociais da Aposentadoria. *Textos Envelhecimento*, 4, 7
- Haas, J.G. (2002). Women's Voice on Retirement: Older and Wiser. Retirement: *New Chapters in American Life*, 7, 1
- Hagestad, G., Uhlenberg, P. (2005). The Social Separation of Old and Young: A root to ageism. In: *Journal of Social Issues*, 61, 2, 343 – 360
- Hershey, D.A., Brown, C.E., Jacobs, J.M., & Jackson, J. (2001). Retirees perceptions of important retirement decisions. *The Southwestern Journal on Aging*, 16, 91-100
- Hershey, D.A., Mowen, J.C. & Jacobs-Lawson, J.M. (2003). An Experimental Comparison of Retirement Planning Intervention Seminars. *Educational Gerontology*, 29, 339-359
- Hershey, D.A., Henkens, K. & Van Dalen, H.P. (2007). Mapping the minds of retirement planners: A cross-cultural perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 38, 3, 361-382
- Hershey, D.A. & Jacobs-Lawson, J.M. (2007). Psychological Foundations of Financial Planning for Retirement. *Journal of Adult Development*, 14, 26-36
- Hershey, D.A. & Jacobs-Lawson, J.M. (2009). Goals for retirement: Content, Structure and Process. *New Directions in Aging Research*, 167-186
- Hunter, W., Wang, W. & Worsley, A. (2007). Retirement Planning and Expectations of Australian Babyboomers – Are they ready to retire? *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1114, 267-278
- Jonsson, H. & Andersson, L. (1999). Attitudes to Work and Retirement: Generalization or diversity? *Scandinavian Journal of Occupational Therapy*, 6, 29-35
- Jonsson, H., Borell, L. & Sadlo, G. (2000). Retirement: An Occupational Transition with consequences for temporality balance and meaning of occupations. *Journal of Occupational Science*, 7, 1, 29-37
- Kite, M., Stockdale, G., Whitley, Jr., Johnson, B. (2005). Attitudes toward younger and older adults: An updated Meta-Analytic Review. In: *Journal of Social Issues*, 61, 2, 241 – 266
- Kloep, M., Hendry, L.B. (2006). Pathways into retirement: Entry or exit?. In: *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 79, 569-593
- Kurtz, J.L. (2008). Looking to the future to appreciate the present: The benefits of perceived temporal scarcity. *Association for Psychological Science*, 19, 12, 1238-1241
- Larsen, M. (2008). Does Quality of Work Life Affect Men and Women's Retirement Planning Differently? *Applied Research Quality Life*, 3, 23-42
- Leiser, D., Azar, O.H., Hadar, L. (2008). Psychological construal of economic behavior. In: *Journal of Economic Psychology*, 1 – 15

- Liberman, N., Trope, Y. (1998). The role of Feasibility and Desirability Consideration in Near and Distant Future Decisions: A test of Temporal Construal Theory. In: *Journal of Personality and Social Psychology*, 75, 1, 5 – 18
- Liberman, N., Sagristano, M. D., & Trope, Y. (2002). The effect of temporal distance on level of mental construal. *Journal of Experimental Social Psychology*, 38, 523-534.
- Liberman, N., Trope, Y., McCrea, S.M., Sherman, S.J. (2007a). The Effect of Level of construal on the Temporal Distant of Activity Enactment. In: *Journal of Experimental Social Psychology*, 43, 143 – 149
- Liberman, N., Trope, Y. & Stephan, E. (2007b). Psychological Distance. In *What is Psychological Distance?* (Chapter 15), retirado de <http://www.psych.nyu.edu/trope/Liberman,%20Trope,%20&%20Stephan,%202007.pdf>
- MacBean, E.C. (2007). Retirement Realities: Retirement just ain't what it used to be. *Journal of Financial Service Professionals*, 40-50
- Minichiello, V., Browne, J., Kendig, H. (2000). Perceptions and Consequences of Ageism: views of older people. In: *Ageing and Society* 20, 233 – 278
- Mitchell, T. R., Thompson, L., Peterson, E., Cronk, R. (1997). Temporal Adjustments in the Evaluation of Events: The “Rosy View”. In: *Journal of Experimental Social Psychology*, 33, 421 – 448
- Montepare, J.M. & Lachman, M.E. (1989). You're only as old as you feel: Self-perceptions of age, fears of aging and life satisfaction from adolescence to old age. *Psychology and aging*, 4, 1, 73-78
- Moiscovici, S. (1961). *La Psychanalyse, son image e son public*. Paris: Presses Universitaires de France
- Nisan, M. (1972). Dimension of time in relation to choice behavior and achievement orientation. In: *Journal of Personality and Social Psychology*, 21, 2, 175 – 182
- Noone, J. H., Stephens, C., & Alpass, F. M. (2009). Preretirement planning and well-being in later life: A prospective study. *Research on Aging*, 31, 295–317
- Noone, J.H., Stephens, C., Alpass, F. (2010). The Process of Retirement Planning Scale (PRePS): Development and Validation. In: *Psychological Assessment*, 22, 3, 520 – 531
- Passos, A.M., Tavares, S., Silva, S.A., Rita, R., Mahaffey, A. E Simões, E. (Outubro 2009). Quality of life in retirement : What i want versus what i should. Relatório final. Lisboa : Centro de Investigação e Intervenção Social (CIS/IUL-ISCTE) e Management Research Centre (MRC/IUL-ISCTE). Manuscrito não publicado
- Petkoska, J., Earl, J.K. (2009). Understanding the influence of demographic and psychological variables on retirement planning. In: *Psychology and Ageing*, 24, 1, 245-251
- Ramos, S. & Lacomblez, M. (2008). Soi-même comme un «vieux»: variations dans les regards sur les fins de vie au travail. *Revue de l'Institut de Sociologie - Université Libre de Bruxelles*, 1, 4, 21-38
- Reitzes, D. C., & Mutran, E. J. (2004). The transition to retirement: Stages and factors that influence retirement adjustment. *International Journal of Aging and Human Development*, 59, 63–84.
- Rieskamp, J. (2006). Positive and Negative Recency Effects in Retirement Savings Decisions. In: *Journal of Experimental Psychology Applied*, 12, 4, 233 – 250
- Roland-Lévy, C., Berjot, S. (2009). Social Representations of Retirement in France: A Descriptive Study. *Applied Psychology: An International Review*, 58, 3, 418-434

- Roland-Lévy, C., Boumelki, F.E.P., Guillet, E. (2010). Representation of the financial crisis effect on social representations of savings and credit. In: *The journal of Socio-Economics*, 39, 142-149
- Sanna, L.J. (1999). Mental, simulations Affect and Subjective Confidence: Timming is Everything. *American Psychological Society*, 10, 4, 339-345
- Selig, G.A. & Valore, L.A. (2010). Imagens da aposentadoria no discurso de pré-aposentados: subsidios para a orientação profissional. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 13, 1, 73-87
- Shepperd, J.A., Fernandez, J.K. & Ouelette, J.A. (1996). Abandoning Unrealistic Optimism: Performance Estimates and the Temporal Proximity of Self-Relevant Feedback. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 4, 844-855
- Silva, P. (2009). *Adaptação à reforma e Satisfação com a Vida: A importância da actividade e dos papéis sociais na realidade europeia*. Lisboa: ISCTE-IUL
- Stawski, R.S., Hershey, D.A. & Jacobs-Lawson, J.M. (2007). Goal clarity and financial planning activities as determinants of retirement savings contributions. *Aging and Human Development*, 64, 1, 13-32
- Talaga, J., Beehr, T. (1989). Retirement: A Psychological perspective. In: *International Review of Industrial and Organizational Psychology* (185-211). Oxford: John Wiley & Sons Ltd.
- Taylor, M., Shore, L. (1995). Predictors of Planned Retirement Age: An Application of Beehr's Model. In: *Psychology and Ageing*, 10, 1, 76 – 83
- Taylor-Carter, M.A., Cook, K. & Weinberg, C. (1997). Planning and Expectations of Retirement Experience. *Educational Gerontology*, 23, 273-288
- Theriault, C.M., Aaker, J.L., Pennington, G.L. (2008). Time will tell: Distant appeal of promotion and imminent appeal of prevention. In: *Journal of Consumer Research, Inc.*, 34
- Topa, G., Moriano, J.A., Depolo, M., Alcover, C.M., Morales, J.F. (2009). Antecedents and Consequences of retirement planning and decision-making: A meta-analysis and model. In: *Journal of Vocational Behaviour*, 1 – 18
- Trope, Y., Liberman, N. (2003). Temporal Construal. In: *Psychological Review* 110, 3, 403 – 421
- Trope, Y., Liberman, N., Wakslak, C. (2007). Construal Levels and Psychological Distance: Effects on Representation, Prediction, Evaluation and Behavior. In: *Journal of Consumer Psychology*, 17, 2, 83 – 95
- Trope, Y., Liberman, N. (2010). Construal-Level Theory of Psychological Distance. In: *Psychological Review*, 117, 2, 440 – 463
- Vala, J., Monteiro, M.B. (2000). *Psicologia Social – 4ª Edição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Vallacher, R.R., Wegner, D.M. (1989). Levels of Personal Agency: Individual Variation in Action Identification. In: *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 4, 660 – 671
- Van-Solinge, H. & Henkens, K. (2008). Adjustment to and Satisfaction with Retirement: Two of a Kind? *Psychology and Aging*, 23, 2, 422-434
- Wakslak, C.J., Trope, Y., Nussbaum, S. & Liberman, N. (2008). Representations of the Self in the near and distant future. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, 4, 757-773
- Wang, M., Henkens, K. & Van Solinge, H. (2011). Retirement Adjustment: A Review of Theoretical and Empirical Advancements, *American Pshycologist*, 66, 3, 204-213

- Webley, P., Nyhus, E.K. (2001). Representations of saving and saving behavior. In C. Roland-Levy, E. Kirchler, E. Penz & C. Gray (Eds). *Everyday representations of the economy* (pp. 93 – 113). Vienna: Wiener Universitäts-Verlag
- Weiss D. & Lang, F.R. (2009). Thinking about my generation: Adaptive Effects of a dual age identity in later adulthood. *Psychology and Aging*, 24, 3, 729-734
- Zhang, Y. & Fishbach, A. (2010). Counteracting Obstacles with Optimistic Predictions. *Journal of Experimental Psychology: General*, 139, 1, 16-31

ANEXO 1 - Tabela Tipologia Conceptualização Categorical

Autor	Designação	Amostra	Método	Resultados encontrados	
Hunter; Wang & Worsley	Expectativas	5 focus groups; 12 entrevistas = 44 participantes (41 - 70 anos)	Focus groups e Entrevistas (análise conteúdo)	Reforma = liberdade (horários, cumprimentos de objectivos, patrão/chefe); Reforma = > tempo actividades sociais e de lazer e vinculação a novos papeis, mas também a retirada de uma rede social e sentimento de inutilidade. Reforma = manter-se em forma (Expectativa num regime alimentar mais cuidado por ter mais tempo para investir na aquisição e preparação de alimentos)  Liberdade; Social e lazer; Saúde	
Hershey & Jacobs-Lawson	Objectivos/Expectativas	N = 189 trabalhadores (94 mulheres, 95 homens)	Quantitativo (Análise factorial)	12 expectativas: Dispor de mais tempo para a família; despende tempo para um hobbie (s); participar em actividades de voluntariado; ter independência e estabilidade financeira; ter saúde e estar em forma; ser feliz e de bem com a vida; sentir que adquiriu um estatuto de sabedoria; sentir-se descontraído e tranquilo; experimentar uma elevada qualidade de vida; despende de tempo em reactividades religiosas ou espirituais; despende de tempo para estar com os amigos; viajar.	Grande maioria dos participantes a expectativa + imp. - Sentir-se feliz e de bem com a vida, seguida da segurança financeira, estar em forma e despende de tempo para estar com a família. As expectativas menos cotadas foram viajar e participar em actividades voluntárias. Estar em forma revelou-se + imp. para os adultos mais velhos do que para os jovens adultos. Nas restantes expectativas, a hierarquia de importância revelou ser mto semelhante em todas as faixas etárias. Jovens adultos - segurança financeira, ser feliz, ter tempo para a família e estar em forma. Adultos mais velhos – ser feliz, estar em forma, segurança financeira e despende de tempo para a família. As expectativas menos imp também são semelhantes para jovens adultos e adultos mais velhos, dedicar-se a um hobbie, viajar e fazer voluntariado, apresentando apenas uma ordem ≠. Não se verificaram diferenças significativas acerca das expectativas de reforma nas diferentes faixas etárias.  12 Expectativas: Oportunidades; Relações; Situação Financeira e Bem-estar
Taylor-Carter, Cook & Weinberg	Expectativa de satisfação na reforma	N = 34 (21 Homens e 12 Mulheres). Idades (26 - 61), Funcionários de uma Universidade	Quantitativo (Questionário); Seminários	Reforma = Lazer (como facilitador da transição para a reforma e como facilitador no abandono do contexto laboral); Reforma = Segurança financeira (o planeamento financeiro revelou-se menos importante para as expectativas de satisfação na reforma do que o planeamento do lazer)  Lazer e Segurança financeira	

ANEXO 2 - Tabela Tipologia Conceptualização desenvolvimentista

Autor	Designação	Amostra	Métodos	Resultados encontrados	
Jonsson & Anderson	Atitudes	N = 142 Participantes M (idade) = 63	Quantitativo (e-questionário)	4 Atitudes face à reforma: 1)transição para a velhice, 2)novo começo,3) continuação (no âmbito da manutenção dos anteriores papeis e relações laborais), 4) disrupção imposta	78% dos participantes possuem uma atitude muito positiva face à reforma; 54% dos participantes consideram que será facil a adaptação à reforma, sendo que isto é verdade para 22% dos homens e apenas 15% das mulheres. A maioria dos participantes identificou a categoria casa/família como a mais imp na vida de reforma, embora tenham sido estes quem mais reportou que a adaptação à reforma seria difícil. Ao invés, apenas 9% dos que identificaram como principais categorias o 'trabalho' e 'hobbies/lazer', mostraram esta previsão de dificuldade de adaptação. 53% dos participantes apresentam uma atitude positiva face à continuação de trabalho remunerado (tendo identificado como principal preocupação as financeiras, e secundariamente razões motivacionais, manter as relações sociais/laborais, ter ocupação) e 39% apresentam-se contra esta possibilidade.  Transição; Recomeço; Continuação; Disrupção imposta
Gee & Baillie	Expectativa	N = 46 (mulheres) + 37 (homens) > 40 anos (amostra inglesa) N = 50 (mulheres) + 50 (homens) > 40 anos	Quantitativo (aplicação de 3 questionários - Inventário de expectativas de reforma; Questionário de envolvimento no emprego; Questionário de envolvimento no trabalho	4 experiências de reforma: 1) reforma é uma transição para a velhice, tempo para descansar e desacelerar o ritmo; 2) reforma é um novo começo, uma nova fase da vida, um tempo de liberdade, de concretização de velhos objectivos e satisfação plena; 3)a reforma é uma continuidade, nada de significativo muda, à excepção de se ter um pouco mais tempo para as actividades de que mais se gosta, 4) reforma é uma disrupção imposta, a retirada de uma actividade (a profissional) que é insubstituível e por isso é uma fase da vida sem sentido e frustrante (tipologia de Hornstein e Wapner). Na perspectiva feminina existem duas expectativas de reforma: 1) dadas as interrupções da maternidade e rendimentos inferiores, encaram a reforma como uma época de fragilidade financeira, e sem objectivos ocupacionais (negativo) e/ou a importância da família e da casa que provêm uma sensação de continuidade entre a vida antes e depois da reforma (positivo).	para a grande maioria da amostra, independentemente do sexo, a expectativa mais forte é a de que a reforma é uma nova fase da vida, novo começo. Observou-se uma fraca consistência nos predictores (envolvimento no trabalho e emprego) de expectativas de reforma enquanto tempo para descansar, novo começo ou como sendo uma fase de continuidade. Grande envolvimento no emprego e não saber o que fazer no tempo livre/lazer está significativamente associado à expectativa de que a reforma é uma disrupção imposta. Os participantes com elevados resultados na expectativa de reforma enquanto um novo começo são os que mais provavelmente relevam a importância dos hobbies e das oportunidades para viajar. Homens apresentam mais expectativas de reforma relacionadas com planeamento financeiro ao passo que mulheres apresentam maior apetência por actividades de voluntariado.  Transição; Recomeço; Continuação; Disrupção imposta

Análise dos Significados Associados à Reforma na Perspectiva da Teoria do Nível de Abstracção

Selig & Valore	Imagens/representação	N=6 (3 homens e 3 mulheres)	Qualitativo Entrevista semi estruturada	<p>1 eixo (<u>continuidade</u> - manutenção do trabalho, das relações laborais, da sua identidade e da situação financeira Vs <u>Ruptura</u> - não-trabalho, não manutenção das relações laborais, da identidade ocupacional, empobrecimento)</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p>Eixo Continuidade (manutenção trabalho, relações laborais, identidade, situação financeira) Vs Ruptura (não-trabalho, não manutenção relações laborais, identidade ocupacional, empobrecimento)</p>
----------------	-----------------------	-----------------------------	--	---

ANEXO 3 - Tabela Tipologia Conceptualização avaliativa

Autor	Designação	Amostra	Método	Resultados encontrados	
Graeff	Representações	N=166 questionários e 25 Entrevistas, M=71 anos	qualitativo (Análise de conteúdo)	3 representações (reforma percebida como recompensa da vida de trabalho ou prémio de consolação); (reforma como um momento para descansar ou momento de desocupação); (reforma como o fim da vida ou como um recomeço) ↓ 1 eixo (Positivo - Recompensa, momento para descansar, recomeço Vs Negativo - consolação, desocupação e sedentarismo, fim da vida)	
Haas	Expectativas	N = 7/8 mulheres middle-aged	Qualitativo	Eixo Positivo - oportunidade para se envolver em voluntariado, abrir um negócio, recomeçar a trabalhar numa área de desenvolvimento ≠ à sua actividade profissional; estar mais próximo da família; maior liberdade (viajar, fazer voluntariado, voltar à escola, trabalhar em part-time, ler, passear) Vs Negativo - constituir um peso para outros ou elas próprias ficarem responsáveis pelos cuidados dos companheiros ↓ Positivo Vs Negativo	
MacBean	Atitudes			2 atitudes: Reforma = oportunidade para se manter activo e envolvido, procurar novas actividades, continuar a aprender, possuir horário flexível (que remete para a liberdade); passar mais tempo com a família; viajar; novo começo, com novos objectivos. Reforma = perda do estilo de vida; problemas de saúde; final de uma época (produtiva) ↓ Positivo Vs Negativo	
Roland-Lévy & Berjot	Representação	N = 350 (53% Homens, 47% Mulheres). 100 estudantes (18-26anos), 200 trabalhadores (36-55 anos), 50 recentemente reformados (56 - 65 anos)	Quantitativo (Questionário, exercício de associação livre de ideias e tarefa de caracterização)	Reforma = abandono da rotina e gerador de insegurança; Reforma = conduz a sensações de exclusão social, sensação de inutilidade quanto aos contributos à sociedade, deterioração do bem-estar. Categorias dicotómicas: 'saúde Vs bem-estar financeiro', 'factores pro e factores contra' e 'voluntária Vs involuntária'. Reforma = decisão complexa que envolve múltiplas considerações pessoais, profissionais e sociais.	Reforma para os jovens = velhice, isolamento, aborrecimento, solidão (negativo); tempo de descanso, viajar, dedicar tempo à família e aos netos, férias/tempo de lazer (positivo). Reforma para os adultos = velhice (negativo); tempo para descansar, liberdade, tempo livre, viajar, lazer, estar disponível, dedicar-se aos netos e à família (positivo). Reforma para os reformados = inactividade, solidão e morte (negativo); liberdade, menos stress, menos obrigações, mais tempo livre, dedicação à família e amigos (positivo). Na generalidade, a representação de reforma é um construto positivo, embora jovens tendam a incluir mais elementos negativos na sua descrição do que outros grupos etários. ↓ Negativo (jovens) e/ou Positivo (adultos e reformados)

Análise dos Significados Associados à Reforma na Perspectiva da Teoria do Nível de Abstracção

Crawford	Representação	N = 99 casais, idade entre 45 e 72	Estudo exploratório (entrevistas e análise de conteúdo)	Eixo 'Disrupção imposta' (a imposição é sentida tanto no movimento para fora do trabalho como no movimento para dentro da velhice, e este último movimento é vivido como um estigma) Vs 'Liberdade face às responsabilidades e a alguns papéis sociais'; Reforma = Vácuo social, perda do papel profissional e das relações laborais, perda de sensação de propósito; Reforma = insegurança financeira; Reforma = sedentarismo, velhice e insegurança financeira; Eixo 'Vácuo social' Vs 'Liberdade social'; Reforma = tempo de descanso, lazer, investimento familiar e liberdade; Reforma = Fim de uma fase (associada ao trabalho); Reforma = perda de estatuto social e pertença imposta a uma categoria estigmatizada; Reforma = perda de autonomia financeira e física; Reforma = tempo a dedicar hobbies, amigos, família e viagens	<p>1º Grupo 'Desvinculação positiva' – a reforma é vivida como uma desvinculação, uma transição para um período de descanso, lazer, hobbies, reencontro marital e familiar. 2º Grupo 'Desvinculação negativa' - a reforma é vivida como uma desvinculação que acarreta constrangimentos, como a perda das relações laborais, perda financeira, perda da sensação de propósito e de coisas com que ocupar o tempo, perda do seu lugar na estrutura social, e sentida como imposta. 3º Grupo 'Liberdade, prazer e recompensa' - a reforma é vivida como a libertação do papel profissional e respectivas responsabilidades e possibilidade de dedicar esse tempo a actividades de lazer e prazerosas, vivida como um re-alinhamento, como uma justa recompensa</p> <p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Desvinculação positiva ou (Re)Vinculação Desvinculação negativa Re-alinhamento</p>
Kloep & Hendry	Representação	N = 45 (28 homens + 17 mulheres), 62 - 94 anos	Qualitativo (entrevistas)	Reforma = liberdade das responsabilidades diárias e laborais, liberdade de horários e compromissos, para investir em hobbies, reencontro com amigos e família, actividade associativista, trabalho voluntário, viajar ou investir em educação. Para a maioria dos participantes, a transição para a reforma representa mais a entrada numa nova fase do ciclo de vida do que a saída de uma fase de maior contribuição para a sociedade; Reforma = sedentarismo, velhice (associada ao estigma e estereotipo) e perda de propósito e tarefas diárias, perda das relações laborais, perda de estatuto e identidade, disrupção do contexto laboral	<p style="text-align: center;">↓</p> <p style="text-align: center;">Positivo Vs Negativo</p>

ANEXO 4 – Caracterização do Grupo total

		Frequência	%
Idade	25 - 34 anos	227	28,4
	35 - 44 anos	234	29,3
	45 - 54 anos	204	25,5
	55 - 60 anos	135	16,9
Sexo	Masculino	373	46,6
	Feminino	427	53,4
Escolaridade	1º Ciclo	176	22,0
	2º Ciclo	126	15,8
	3º Ciclo	144	18,0
	Secundário e pós secundário	221	27,6
	Superior	133	16,6
Ocupação	Dono empresa (>5 colaboradores)	13	1,6
	Dono empresa (<5 colaboradores)	29	3,6
	Quadro Superior	69	8,6
	Profissão liberal	50	6,3
	Quadro Médio	82	10,3
	Empregado escritório	91	11,4
	Empregado comércio	103	12,9
	Trabalhador agrícola/pescador	11	1,4
	Operário especializado	173	21,6
	Trabalhador não especializado	179	22,4
Total		800	

A amostra que será objecto de trabalho na prossequinte análise estatística é composta por indivíduos entre os 25 e os 60 anos de idade. Por coerência com o objectivo do trabalho, a variável idade foi estratificada, de forma a obter-se 4 extractos com amplitudes relativamente semelhantes, sendo que o extracto mais representado é o dos 35 aos 44 anos de idade, com 29,3%. Quanto à distribuição de sexo, observamos que 53,4% da amostra é do sexo masculino e o grau de escolaridade que remete para o secundário e pós-secundário é onde se encontra a maior parte da amostra (27,6%). No que respeita à ocupação profissional, encontramos uma relativa dispersão, com os operários especializados e não especializados a totalizar 44% da amostra, seguidos pelos empregados de comércio (12,9%), pelos empregados de escritório (11,4%) e pelos quadros médios (10,3%).